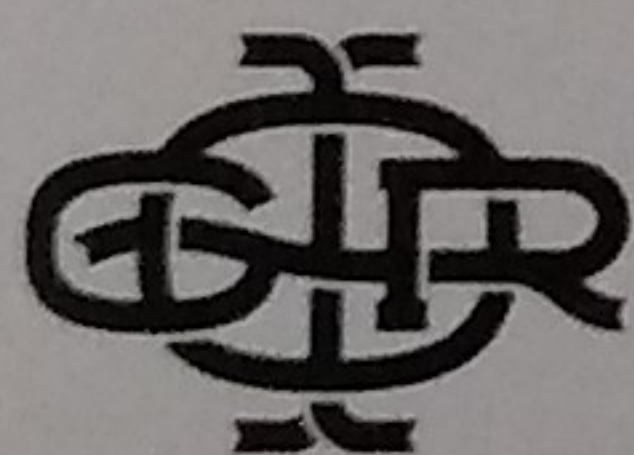
JAPSON ALMEIDA

Fragmentos de um olhar

IMPRENSA OFICIAL
GRACILIANO RAMOS

JAPSON ALMEIDA
Fragmentos de um olhar

IMPRENSA OFICIAL
GRACILIANO RAMOS

Apresentação

Passados mais de 20 anos da morte de Japson Macêdo de Almeida – Japson Almeida, como era conhecido, principalmente no meio fotográfico no qual fez carreira por mais de três décadas, a editora Imprensa Oficial Graciliano Ramos contempla a nossa família e o povo de Alagoas com a publicação desta obra que se propõe a resgatar fragmentos do acervo desse amante da fotografia e do patrimônio da cidade que tanto amava e adotara como sua.

De origem simples do interior alagoano, nosso Japson Almeida foi ungido com um olhar aguçado e curioso com o qual via o que todos viam e enxergava o que só suas lentes eram capazes de captar. Quase que por um milagre, Nossa Senhora de Fátima fez-se presente no seu futuro ao ser revelada por ele aos maceioenses através do diafragma de uma máquina fotográfica emprestada, tornando-se relíquia nas mãos de seus fiéis seguidores. Desse "milagre", resultou hoje um acervo de negativos, fotografias, filmes cinematográficos e slides que nos remetem à época de sua atuação profissional, retratando cenas de um cotidiano passado, mantido vivo através das imagens aqui apresentadas.

São imagens de uma Maceió em evolução com seus monumentos, seus símbolos, seu povo hospitaleiro e suas belezas naturais "criadas por Deus", como bem disse o jornalista e poeta paraibano Noaldo Dantas. Nestas páginas, os que viveram àquela época poderão se deleitar e se imaginar banhando-se nas águas das Praias da Avenida à da Sereia; subir nossas ladeiras, seja a do Farol do Jacintinho ou a do Cortiço; entender as mudanças do Centro e a lamentável destruição do Hotel Bela Vista.

Os coqueiros são cenas à parte e deles a saudade especial do eterno Gogó da Ema, aqui cortejado por nossa miss Bertini Mota, saudade minimizada pela ainda exuberante resistência dos 7 Coqueiros a servir de limite aos bairros da Pajuçara e da Ponta Verde. Sob o aconchego do Oceano Atlântico e da Lagoa Mundaú, o sol desponta anunciando mais um dia de liberdade, intenso brilho e muita beleza, desnuda-se em um entardecer que sangra, despedindo-se de mais um dia, repleto de cumplicidade divina.

Sua trajetória fotográfica foi recheada de experiências nos mais diversos campos profissionais. Quase sempre acompanhado de sua Rolleiflex, atuou como repórter fotográfico de jornais, registrou fatos importantes para nosso Estado, como a prospecção do petróleo, produziu material científico para aulas e projetos de doutores da Ufal e da Estação Experimental da Cana-de-Açúcar, registrou cirurgias auxiliando médicos a divulgar novas técnicas a seus alunos e em congressos, cobriu acontecimentos políticos importantes da nossa história, como o caso do tiroteio da Assembleia Legislativa que provocou o impeachment do Governador Muniz Falcão.

É fato notório sua presença na vida social de Maceió. Registros de festas sociais, nascimentos, batizados, bodas e encontros diversos fazem parte dos álbuns de fotografias da maioria dos lares das famílias tradicionais daquela época. Quase sempre, somos abordados por pessoas amigas afirmando possuírem "fotos" tiradas por ele, muitas com sua tradicional assinatura registrada com bico de pena.

Aos neófitos na arte da fotografia, essas cenas em preto e branco servirão como colírio a desnudar a mácula que encobre suas visões e descobrir que além das cores também há arte, como também a beleza e a vida existente nos tempos da outrora Maceió.

Como forma de promover a perpetuação de sua arte e da história do Estado de Alagoas, nossa família resolveu doar seu acervo à Fundação Joaquim Nabuco, órgão do Ministério da Educação, a fim de que as gerações futuras possam ser contempladas com esse rico material de estudo e com as informações nele contidas.

Muito nos envaidece esta publicação. Aqui fica registrada a nossa gratidão à editora Imprensa Oficial Graciliano Ramos pela possibilidade concedida de divulgar o trabalho do fotógrafo Japson Almeida, a nossa prima Vânia Amorim, grande estimuladora deste projeto, as nossas amigas Maria Heloisa Melo de Moraes e Noêmia Maria Coelho Pinheiro, que nos socorreram nos momentos de revisão, ao fotógrafo Michel Rios pela dedicação no tratamento das imagens e ao também fotógrafo Ricardo Lêdo pela dedicação e envolvimento com que promoveu o resgate e a reintrodução da arte do nosso pai no seio da comunidade alagoana. E, finalmente, a todos, indistintamente, que fizeram parte da convivên-

cia profissional, artística, social e pessoal do nosso querido e amado Japson Almeida, representados aqui nas figuras de seu seguidor mais ilustre e fiel, o fotógrafo José Ronaldo de Araújo Alécio e do nosso querido primo Luiz Sávio de Almeida, que nos presenteou com um maravilhoso prefácio, enriquecendo ainda mais esta publicação, o agradecimento sincero de todos que fazem a família Almeida.

Japson Macêdo de Almeida Filho
Por todos os familiares

JAPSON ALMEIDA E A FOTOGRAFIA NAS ALAGOAS

Na realidade, pouco existe sobre a história da fotografia em Alagoas, embora seja copioso o rol de interesse sobre imagem e pelo cartão-postal. Sobre a fotografia em si pouca coisa apareceu, especialmente a vinculação com os costumes e cotidiano da sociedade desde os tempos imperiais, passando por uma ordem de renovação tecnológica, condição enfática quando entram em crescendo os processos de massa com a conquista do que era chamado de instantâneo.

O instantâneo importava, necessariamente, na quebra da fotografia destinada aos retratos, aos pequenos estúdios que buscavam a perfeição da imagem em postais que circulariam entre amigos, parentes, mimos pessoais, marcando muitas vezes efemérides básicas como a da Primeira Comunhão, naquela sociedade de mando católico, apostólico e romano. Basicamente, era por estes retratos que os fotógrafos se afirmavam, como se teve, por exemplo, em Rogatto, Cajueiro, Fiel, que marcavam seus exemplares em alto relevo com carimbos artísticos, sempre postos abaixo e à direita da peça.

Eram peças que circulariam com dedicatória, e mãos femininas de caligrafia redonda davam a imagem por lembrança, por registro, por marca de tempo. Era a fotografia indo além do físico do seu processamento, para os laços sociais que argumentavam, criavam, intensificavam, registravam. O aparecimento da chamada máquina caixão facilitará o registro, o início da massificação para os ganhos de capital e irá afastando a figura do retratista para a agilização comercial dos fotos, os velhos laboratórios se acabando, os registros médios sendo assumidos pela tecnologia.

Pouco a pouco, enquanto aumentava a demanda por impressos fomentada pelo instantâneo, desaparecia a maestria na revelação, o jogo hábil das mãos no que era projetado pelo ampliador, fazendo sombras, protegendo detalhes numa reconstrução gráfica do que havia sido coletado pela máquina que também vai se transformando em termos de sofisticação ótica e tamanho de negativo. Um salto que se pode exemplificar com o negativo de vidro indo para o 35 mm, do ampliador para as impressoras automáticas e padronizadas, quebrando o controle do resultado por parte do fotógrafo que poderia intervir da captação ao laboratório, com suas soluções e o jogo ótico e de controle da luz sobre o papel que as mãos executavam ao protegerem ou liberarem áreas do papel fotográfico, que tinha, também, de ser mergulhado na revelação, fixação e lavagem. Às vezes puxando, às vezes não, mas o senso sempre presente da saída do revelador de modo oportuno.

A fotografia digital desequilibra novamente todo o processo, que vai ganhar cada vez mais em simplificação, automação, forma de armazenagem e acopla-se, também, à

massificação nas impressões. A sofisticação dos circuitos interliga-se à ótica de qualidade e ao baixo custo, crescendo a possibilidade de ir-se tendo acentuado aumento em termos de megapixel, tornando-se rápida uma arqueologia tecnológica.

Ao lado de um público que se formava sob a marca potente da *Kodak*, *trust* internacional que controlava o mercado e o primeiro a lançar caixão de nove por nove, formava-se uma gama de aficionados da fotografia, aqueles que a trabalhavam como arte, diferenciando-se pela sofisticação do instantâneo que, por sua vez, demandava cada vez mais sensibilidade de película, velocidade do obturador, abertura do diafragma. Sem dúvida, as grandes mudanças deram-se em função do instantâneo, expressão que superou o "bater uma chapa, o tirar um retrato", que desapareceram do tempo fotográfico. Hoje fala-se em "bater foto", "tirar umas fotos", quase como se estivesse indicada a unificação de um processo pela tecnologia disponível.

Estas ligeiras colocações são fundamentais para entender os tempos de Japson Almeida, filho do Tio Noé, irmão do meu avô Fausto Vieira de Almeida; Japson viveu a transição a que nos referimos, sem entrar propriamente no tempo do digital. A nossa ligação dava-se além da família. Eu sempre admirei a sua competência como fotógrafo e foi com ele que aprendi muita coisa em conversas em seu Cine-Foto Manguaba, situado na Rua do Comércio, Maceió. Na verdade, ele não era um comerciante de fotografia, mas fotógrafo que necessitava de ponto comercial, no sentido de montar a sua renda e, desta forma, ligou-se profissionalmente à arte de escrever com a luz sobre a vida das Alagoas.

Sua atividade ia do jornalista a registrar o cotidiano pela sistemática do interesse da pauta de jornal ao artista que se debruçava, sobretudo, sobre a gente e a paisagem de nossa terra. O que mais impressiona na fotografia do Japson é o senso do cotidiano, quando trabalha solto de obrigações e procura encontrar o mundo, como se documentasse a si mesmo.

Por isso, o fotógrafo Japson Almeida tem diversas dimensões. Ele estimulou a arte na fotografia, praticou esta mesma arte, manteve intenso contato com o cotidiano, foi uma figura de participação em nossa vida pública e, nesta gama de atividades, terminou por nos deixar rico acervo documental que, em pequena parte, aflora nas páginas deste livro.

É possível traçar uma linha na fotografia do século 20, em termos documentais, que passe pela Coleção Lavenère pertencente ao acervo do Arquivo Público de Alagoas, correspondendo aos anos iniciais do século, até Japson Almeida, que não é atingido pela mudança drástica patrocinada pela tecnologia associada à informática, ou seja, uma fotografia que não foi da tecnotrônica, caso não me engane, feliz palavra usada por Darci Ribeiro.

Claro que aí estarão imensos buracos, sumidouros de biografias e de um universo da fotografia que vai do negócio à arte. Acervos como os de Cajueiro, Foto São José e outros tantos deveriam estar colocados à disposição pública, por serem registros de todo um tempo. Do Fiel, guardo negativos e álbum de fotografias.

Ainda bem que a família do Japson (sua esposa e seus filhos) entendeu que seu talento e sua importância deveriam

ser preservados e que a Imprensa Oficial Graciliano Ramos teve a consciência desta importância, publicando este volume que contou com a colaboração do fotógrafo Ricardo Lêdo.

Este livro é um passo a mais na historiografia da imagem em Alagoas e na abordagem sócio-histórica da fotografia. É bom que Japson Almeida continue seu trabalho, como se inaugurasse uma coleção a resguardar a criação de inúmeros alagoanos que gravaram, através de escritas deslumbrantes, o cotidiano de nossa terra. Não é fácil lidar com um mundo posto em escala de cinzas.

É um universo reduzido a uma escala e em tons de cinza. Não é fácil. Uma parte do universo fica do tamanho de um negativo e, nele a luz escreve e dele a beleza é posta à mesa. Modos e formas ficam parados no tempo e imortalizam décimos de segundo, a bem dizer retardando a imensa velocidade do tempo em direção ao novo, embora que, dialeticamente, a foto será sempre nova na demanda de sentidos e interrogações que provoca, atualizando-se no próprio momento em que é revista, até mesmo em decorrência da tensão que existe em face do seu andamento histórico e que a renova, dizendo-a sempre atual, embora mantendo indicações do que foram seus próprios sinais.

Para finalizar, quero deixar claro que, além de mim mesmo, represento minha mãe, Maria José de Almeida, sobrinha do tio Noé, o pai de Japson. Há uma linhagem familiar neste meu texto, e disto eu muito me orgulho.

Luiz Sávio de Almeida
Arrasto de Santa Efigênia, agosto de 2014

Autorretrato, ca. 1950

BIOGRAFIA

Japson Macêdo de Almeida, filho único de Noé Vieira de Almeida e Laura Macêdo de Almeida, nasceu em Conceição da Paraíba, atual cidade de Capela, Alagoas, em 29 de novembro de 1922. Na década de 1940 mudou-se para Maceió, onde concluiu seus estudos no Colégio Diocesano, hoje Colégio Marista. Foi comerciário e funcionário público, época em que ocupou vários cargos em repartições, iniciando-se concomitantemente no ramo da fotografia de forma amadora. A partir de 1950, após ter obtido grande repercussão com a comercialização da fotografia da imagem de Nossa Senhora de Fátima, então visitando Maceió, sentiu-se motivado, passando a se dedicar de corpo e alma à profissão de fotógrafo.

Criou escola em nosso Estado, orientando os amantes da fotografia, forjando novos profissionais na arte que abraçou e se dedicando à luta pela valorização profissional do fotógrafo e de sua profissão, continuando esse embate até mesmo quando resolveu se afastar da fotografia profissional. Retornou ao serviço público colocando sua experiência a serviço da Secretaria Estadual do Trabalho e do Tribunal

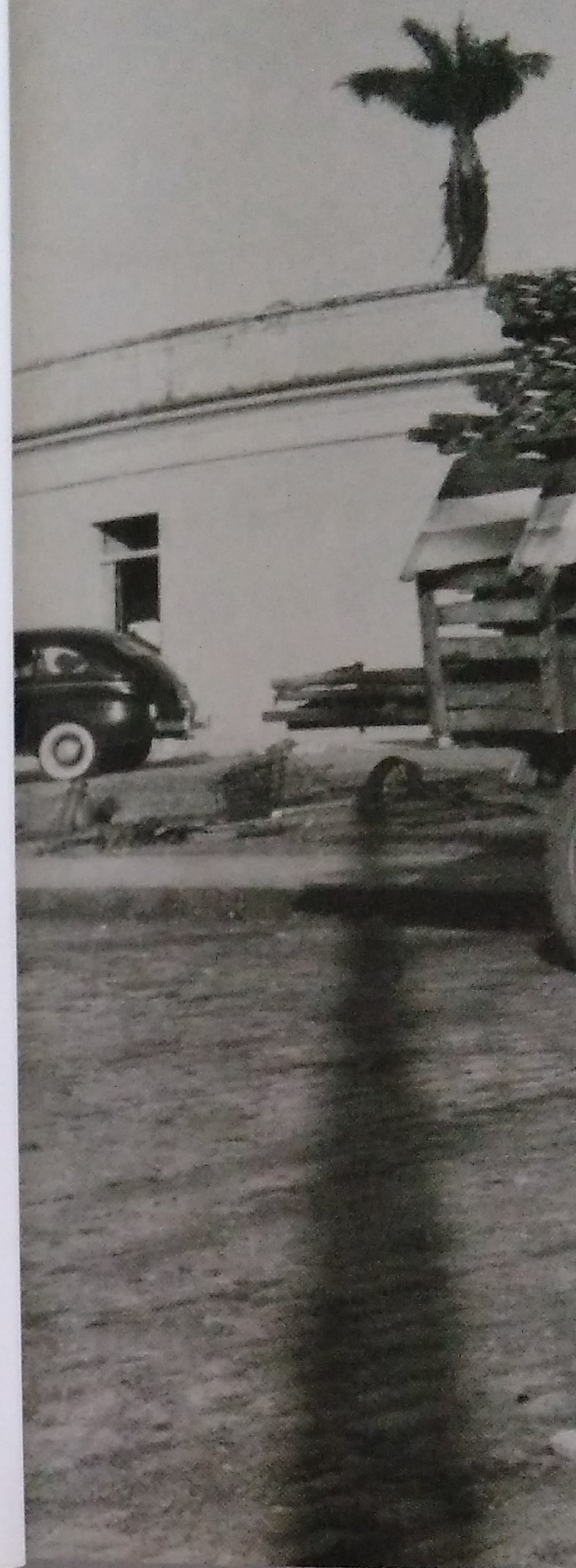
de Contas do Estado, onde faleceu no exercício do cargo.

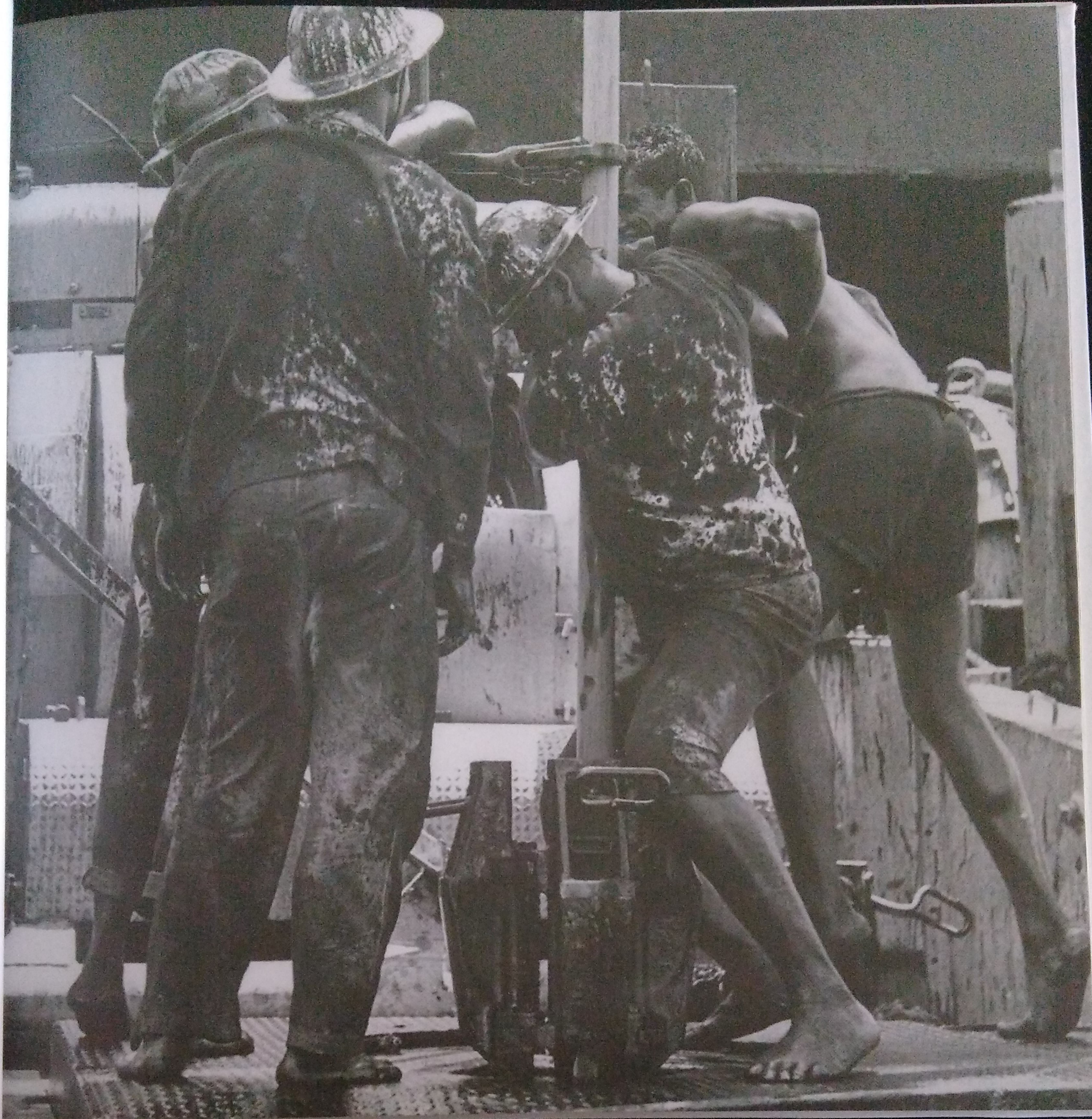
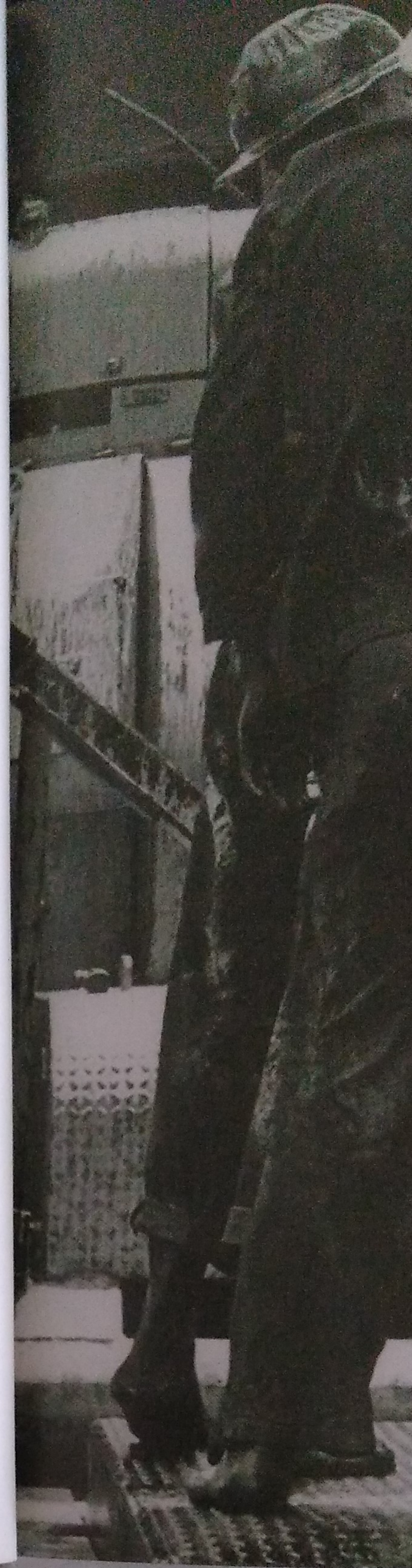
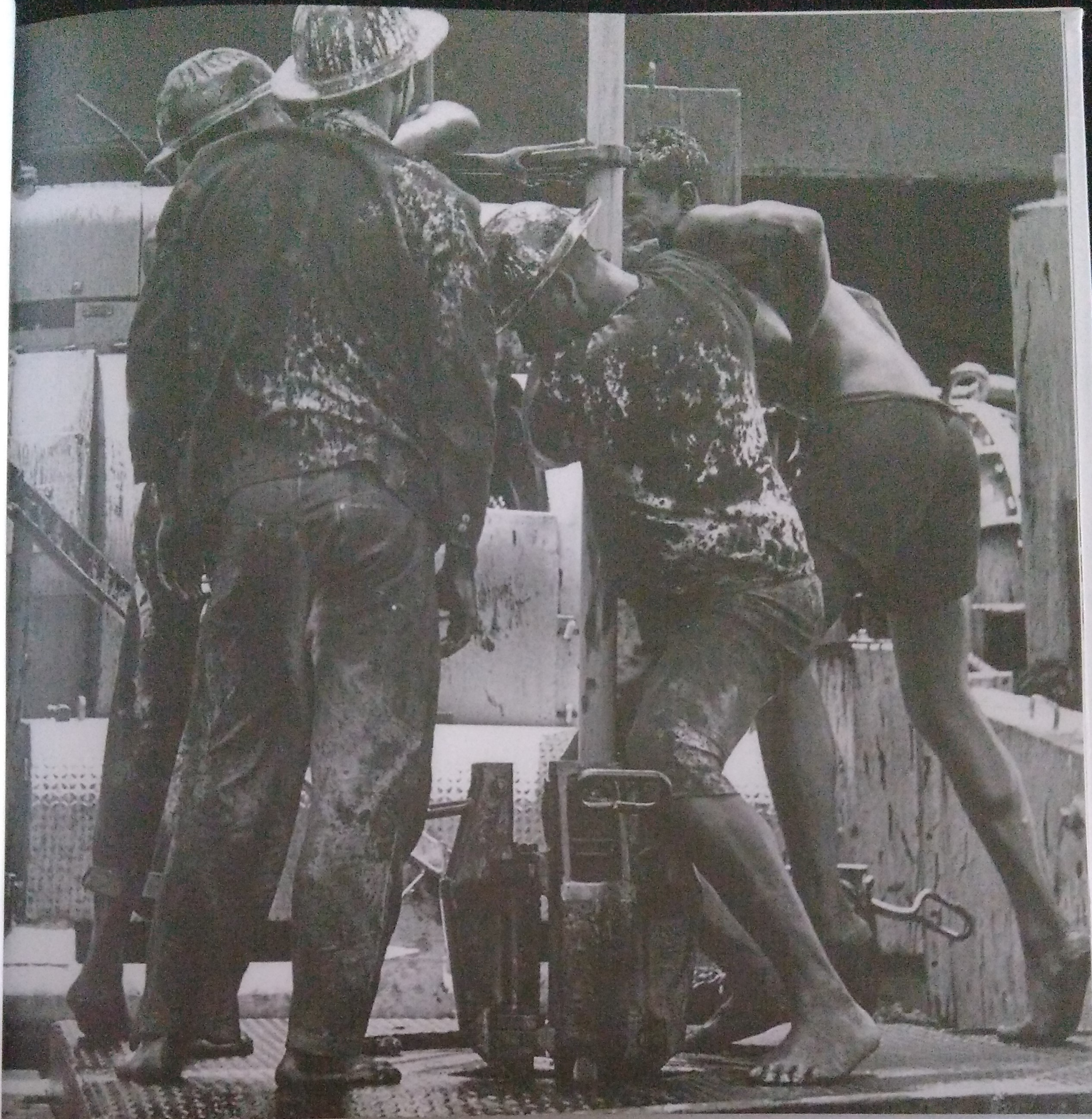
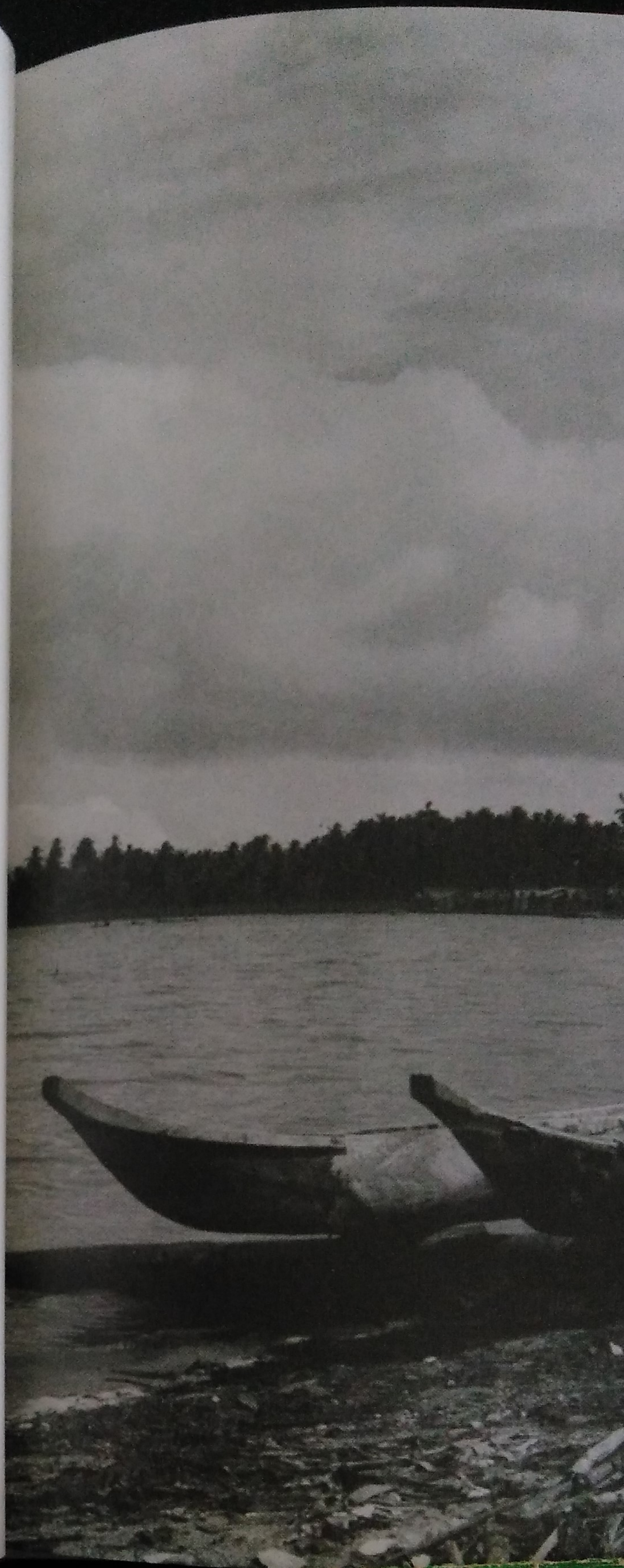
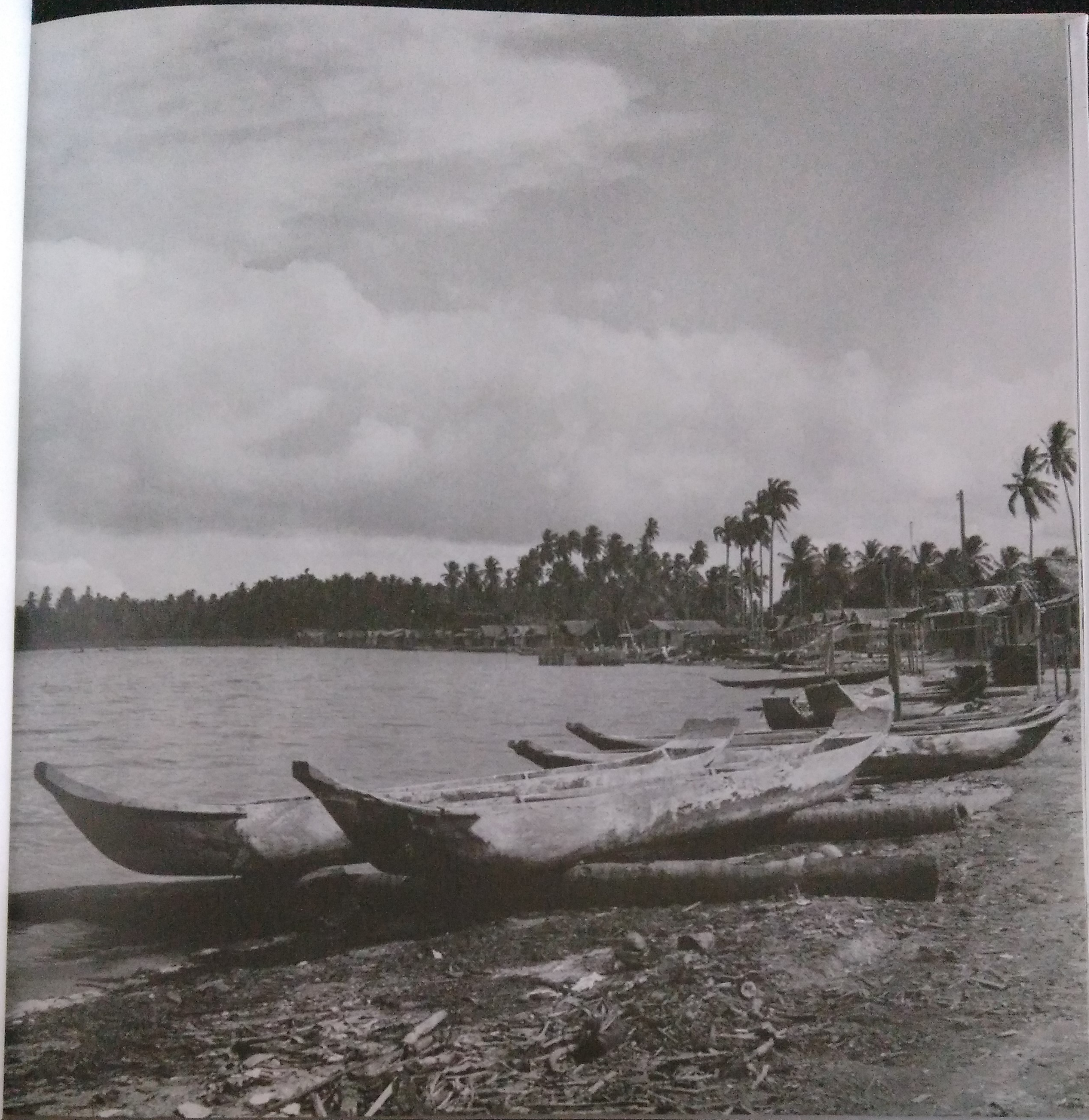
Foi membro do extinto Foto-Clube de Alagoas, proprietário do Cine-Foto Manguaba, estúdio, laboratório e loja onde comercializava os últimos lançamentos da indústria fotográfica. Japson também flertou com a imagem em movimento, chegando a possuir um cinema de bairro localizado no Pinheiro, o Cine Real.

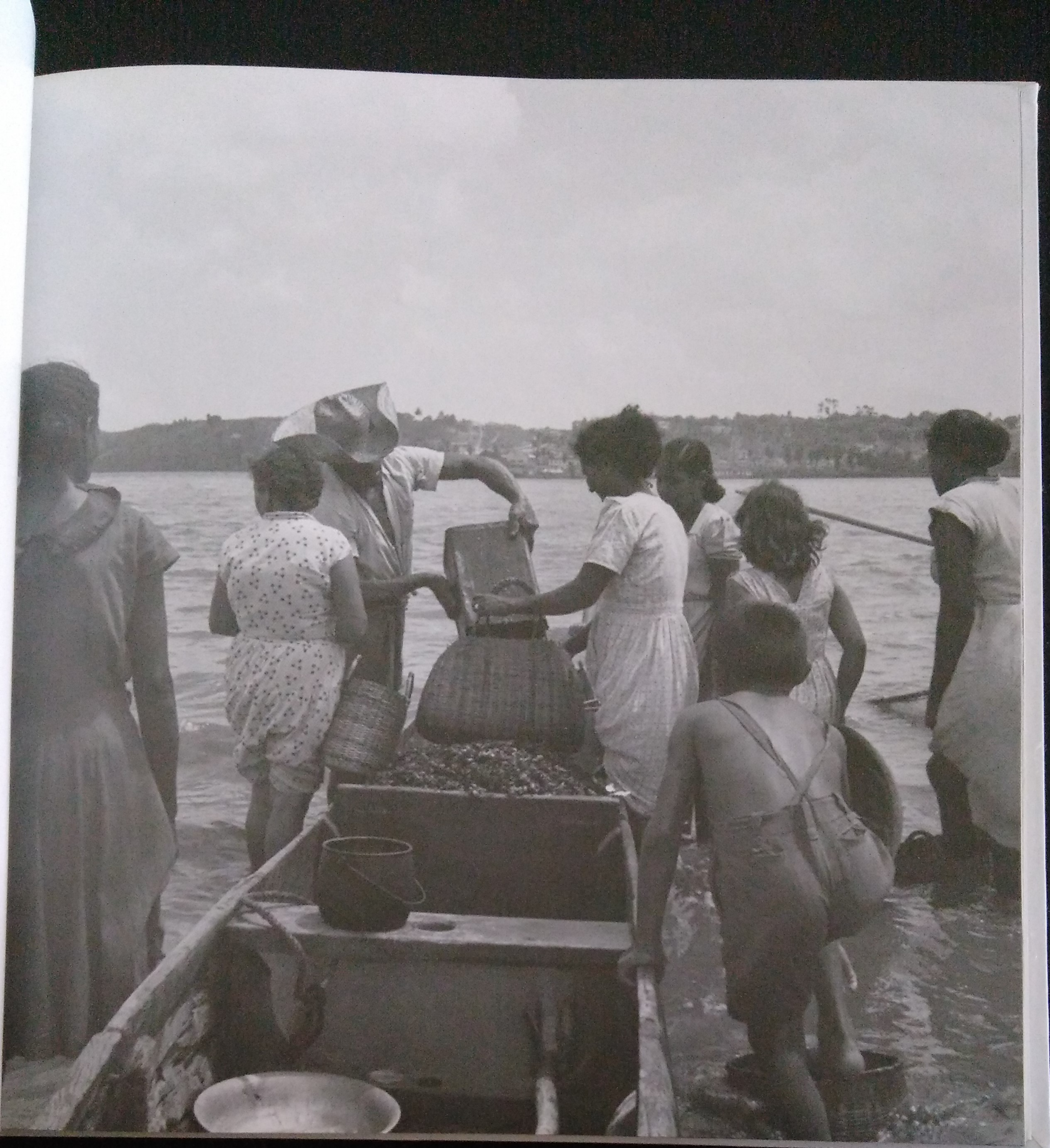
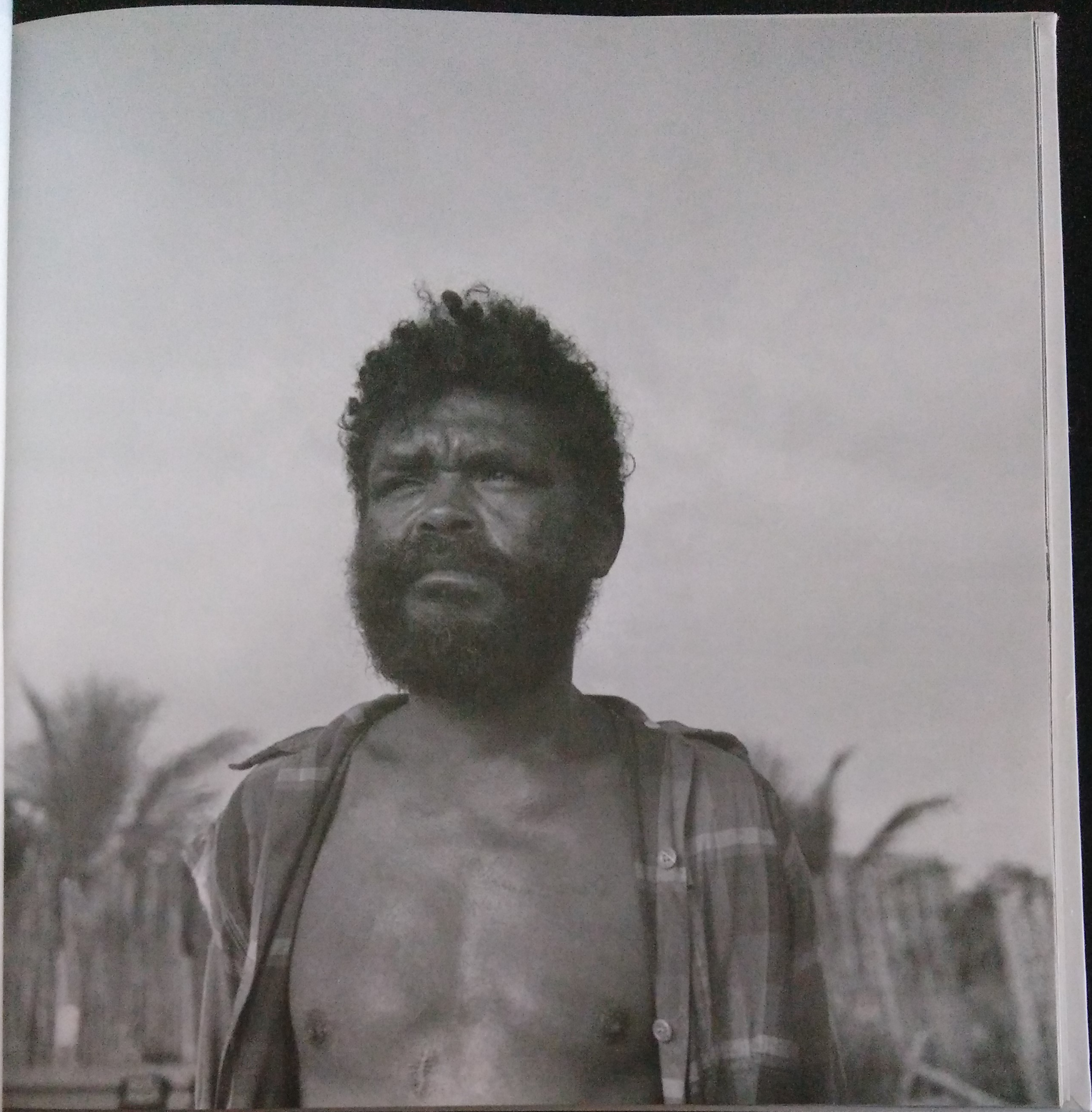
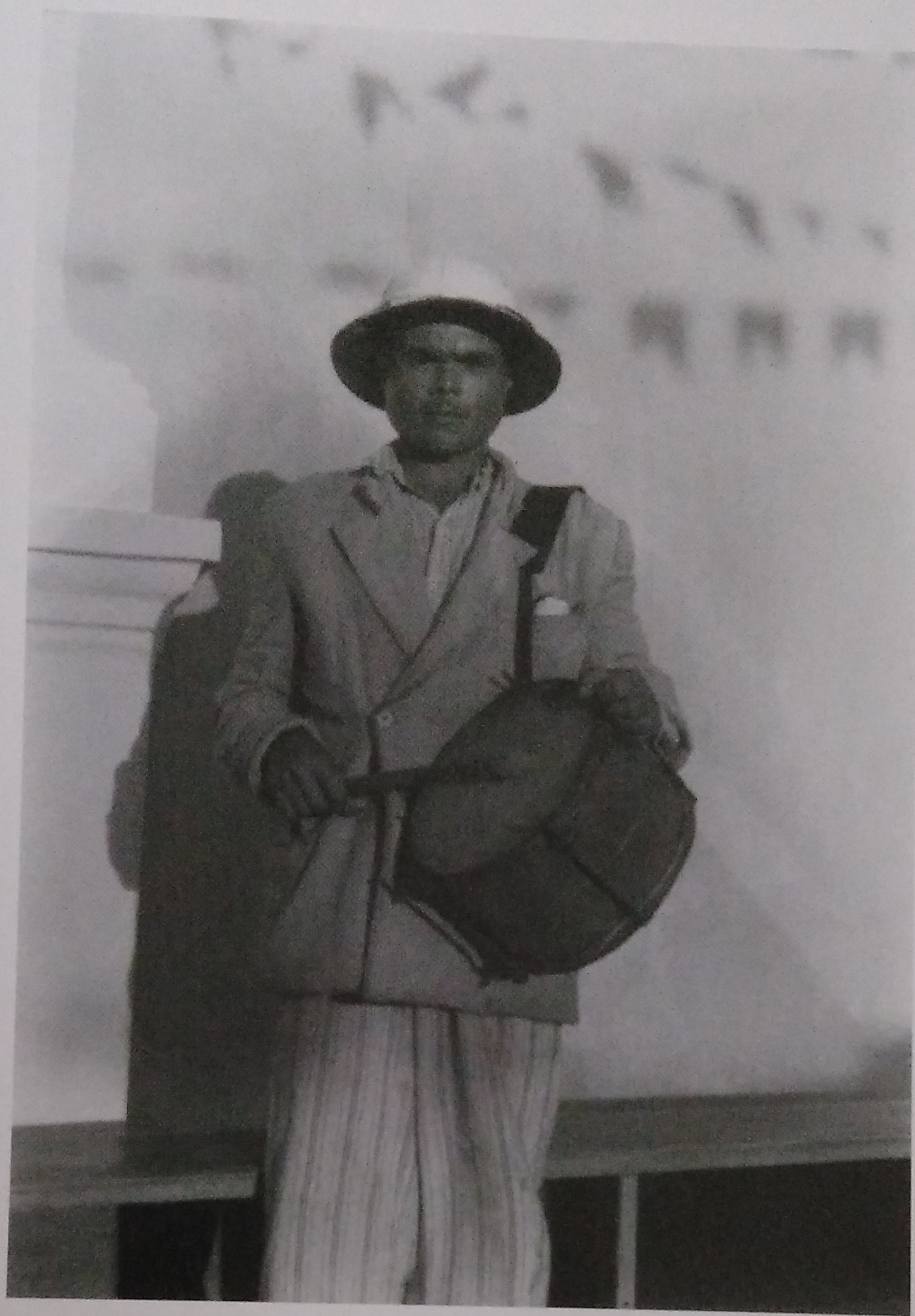
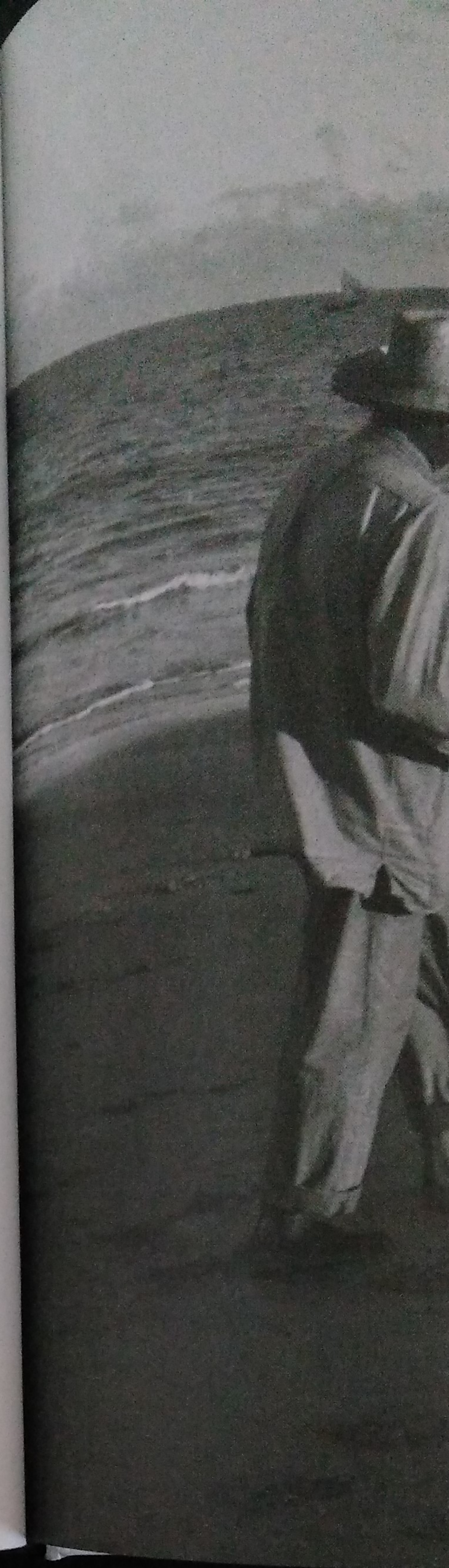
Em 1948 casou-se com Marinita Vasconcelos Barbosa de Almeida, com quem teve cinco filhos: Socorrinho, Japson Filho, Fernando, Luiz Carlos e Gustavo Luiz. Faleceu em 4 de novembro de 1992, deixando um rico acervo que registra, sobretudo, a cidade de Maceió, através de imagens fotográficas.

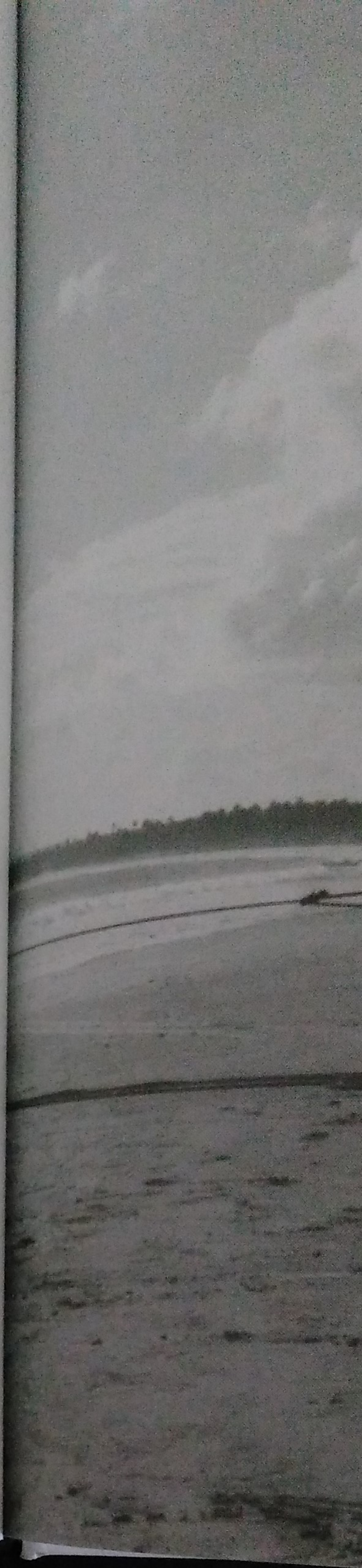
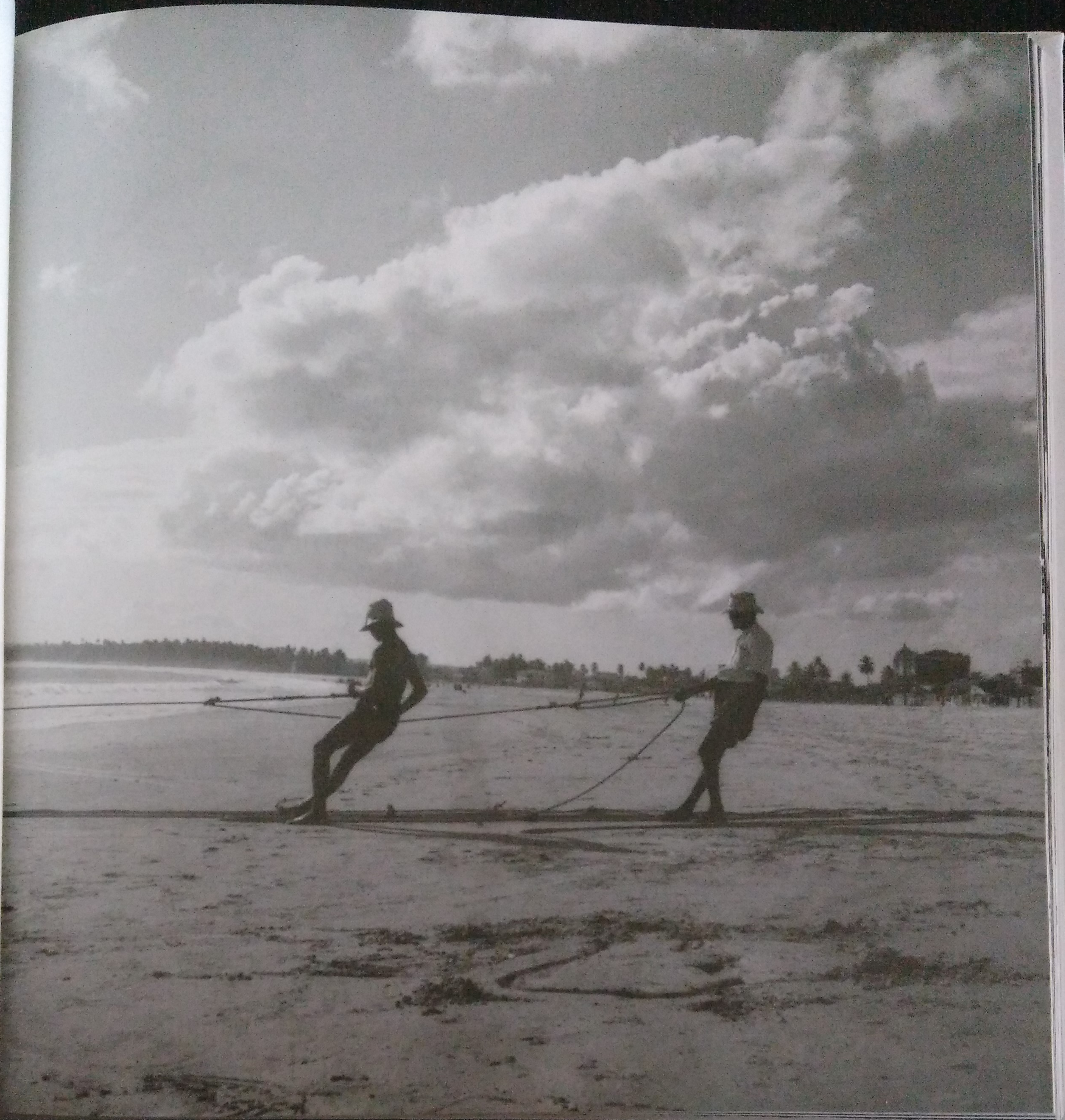
Fotógrafo lambe-lambe,
Maceió, ca.[1] 1950

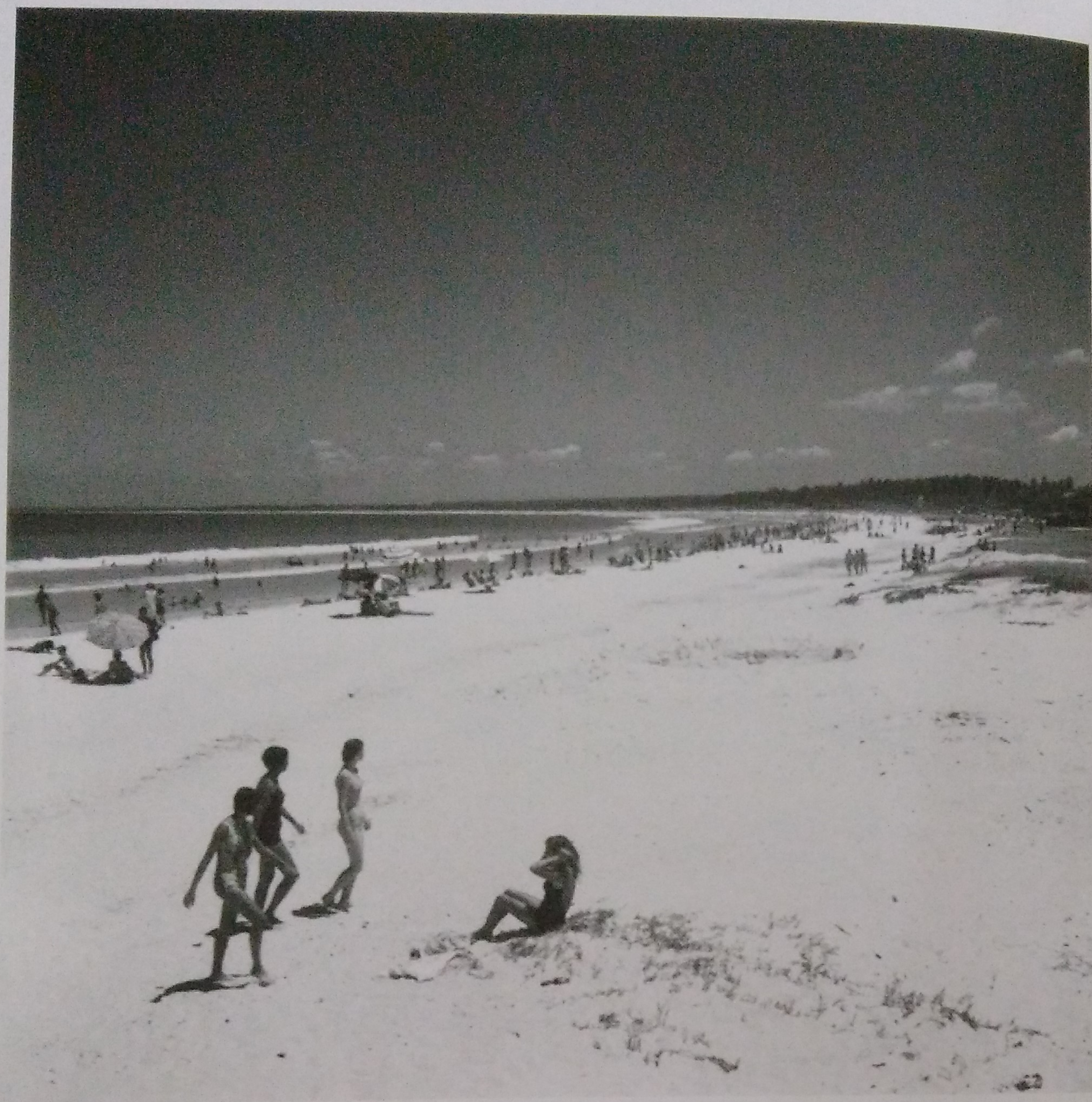
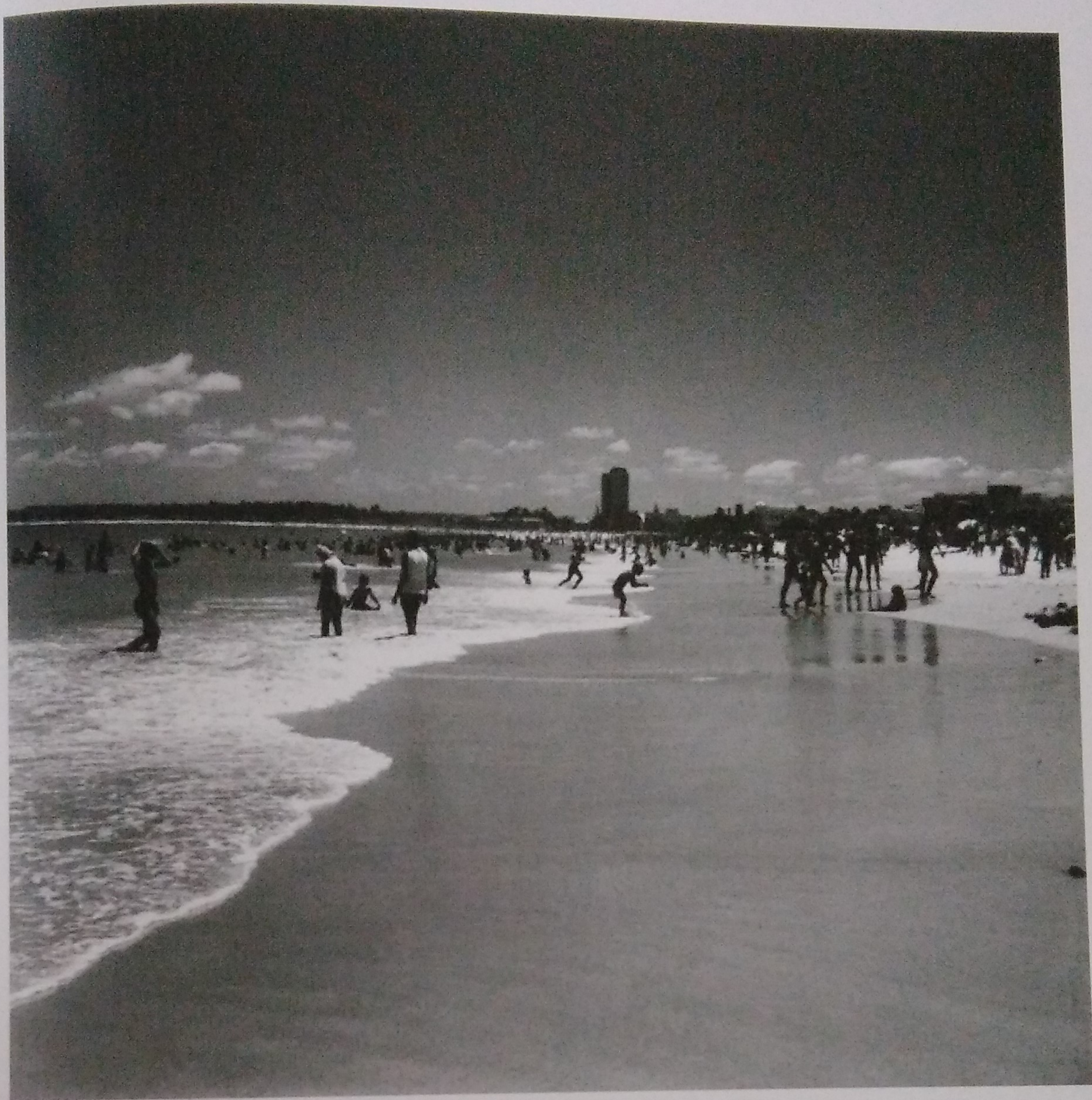
1 ca - Abreviatura de 'circa' (cerca em latim)

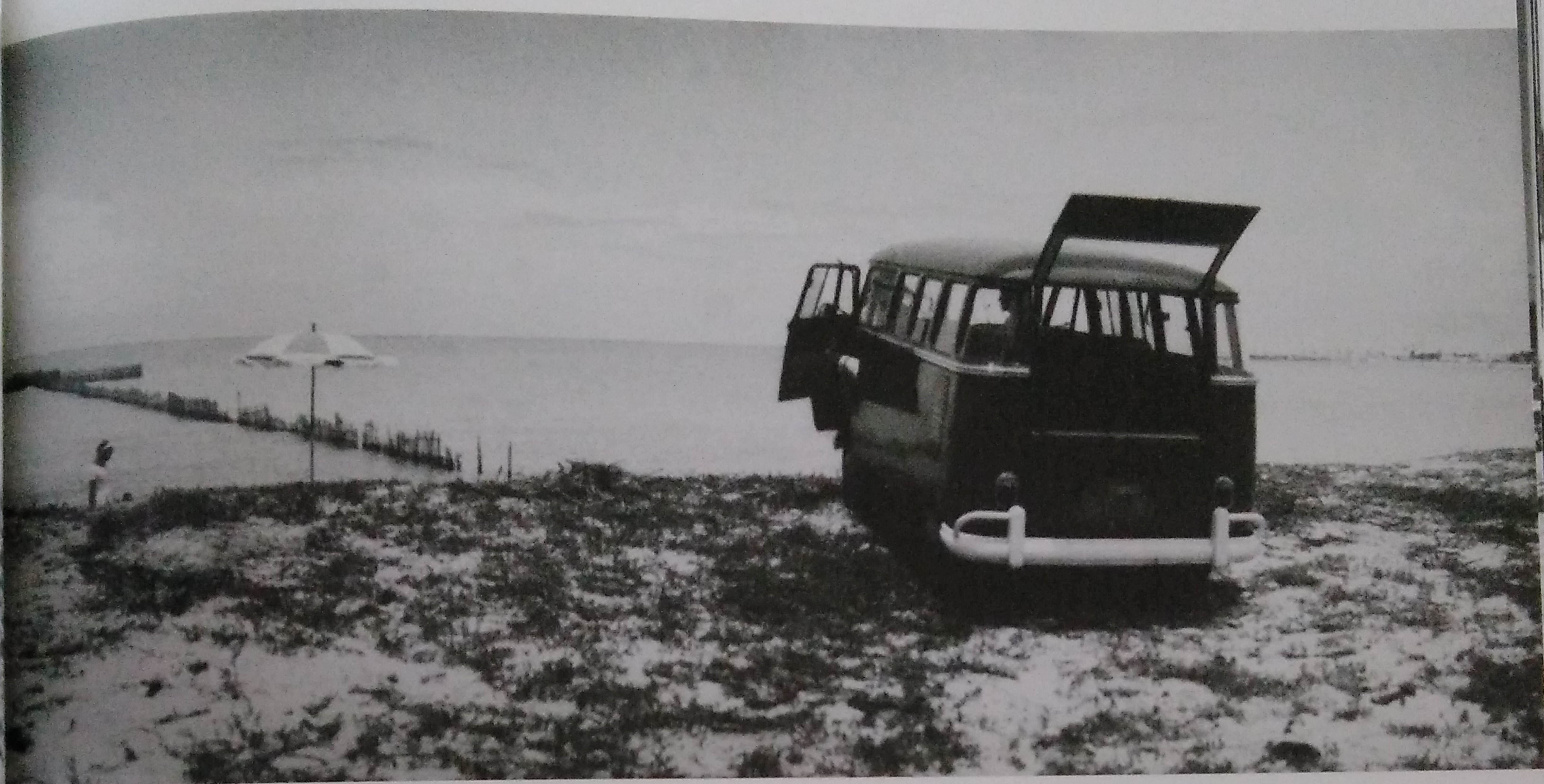
Transporte de parque infantil,
Maceió, ca. 1950

Perfuração de poço de petróleo,
Maceió, ca. 1960

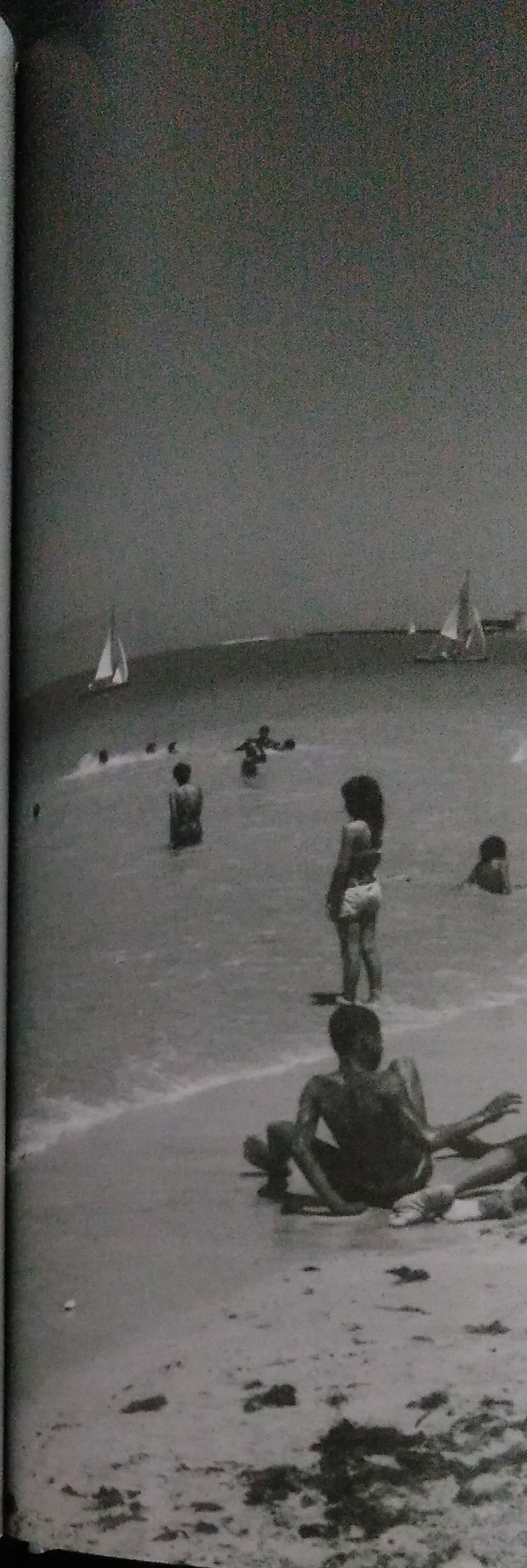
róleo,
1960

Perfuração de poço de petróleo,
Maceió, ca. 1960

Canoas à margem da Lagoa
Mundaú, Maceió, ca. 1960

Marisqueiros de sururu, Lagoa Mundaú, ca. 1960

Comércio do sururu,
Lagoa Mundaú, ca. 1960

Tipo popular, Lagoa Mundaú,
Maceió, ca. 1960

Músicos no Pontal da Barra, Maceió, ca. 1960

Guia de cego,
Maceió, ca. 1950

Guia de cego,
aceió, ca. 1950

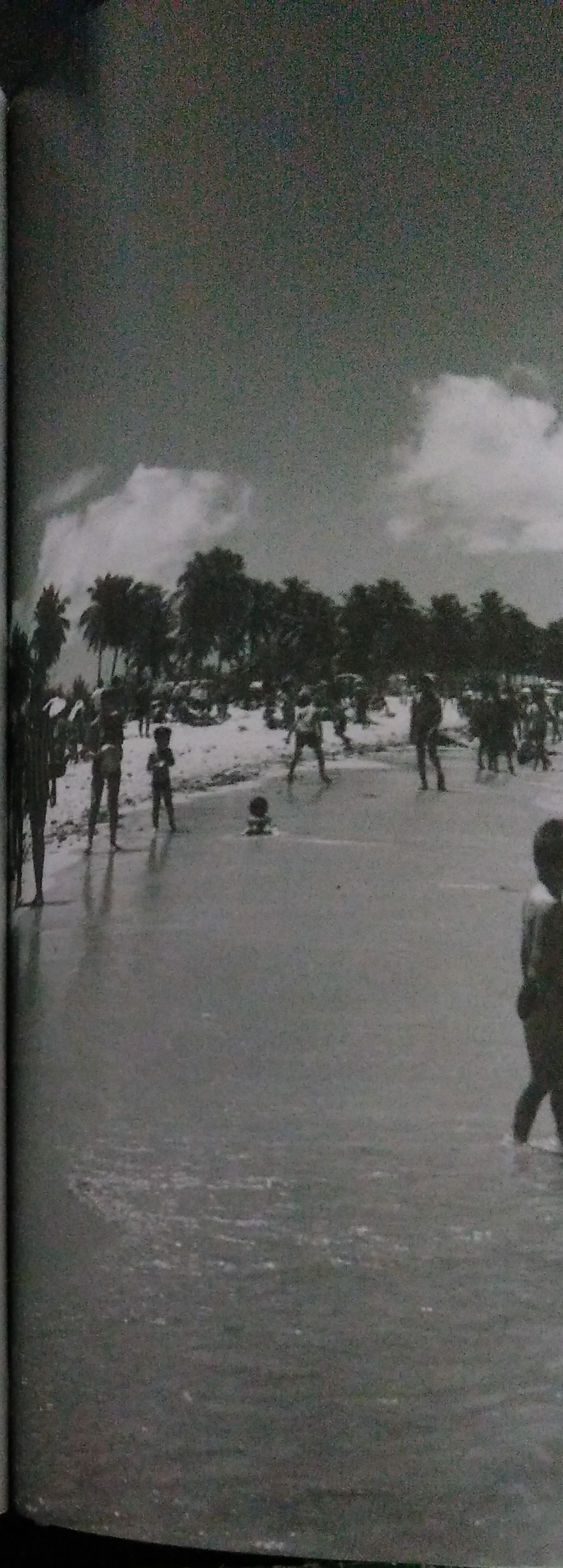
Pescadores na Praia da Avenida,
Maceió, ca. 1950

avenida,
ca. 1950

memorativo do
Maceió e busto
Dias, Praia da
a, Maceió, 1968

Banhistas na Praia da Avenida, Maceió, 1968

nida, Maceió, 1968

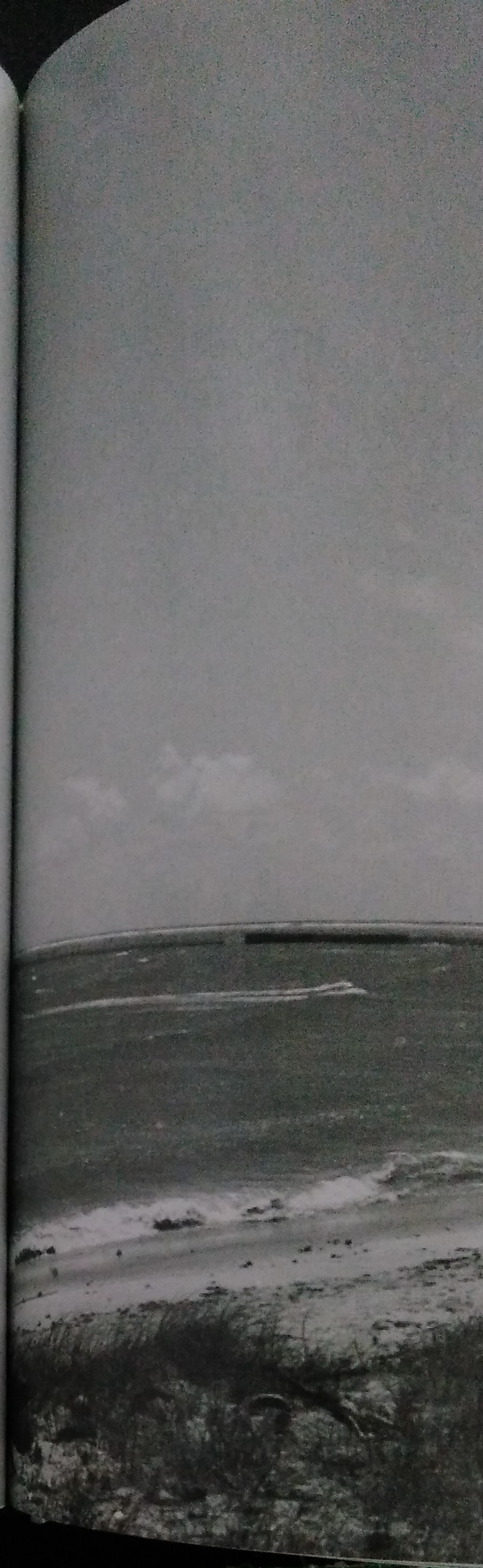
Praia da Avenida, ao fundo, Ed. São Carlos, Maceió, 1968

Enseada da Pajuçara,
Maceió, ca. 1960

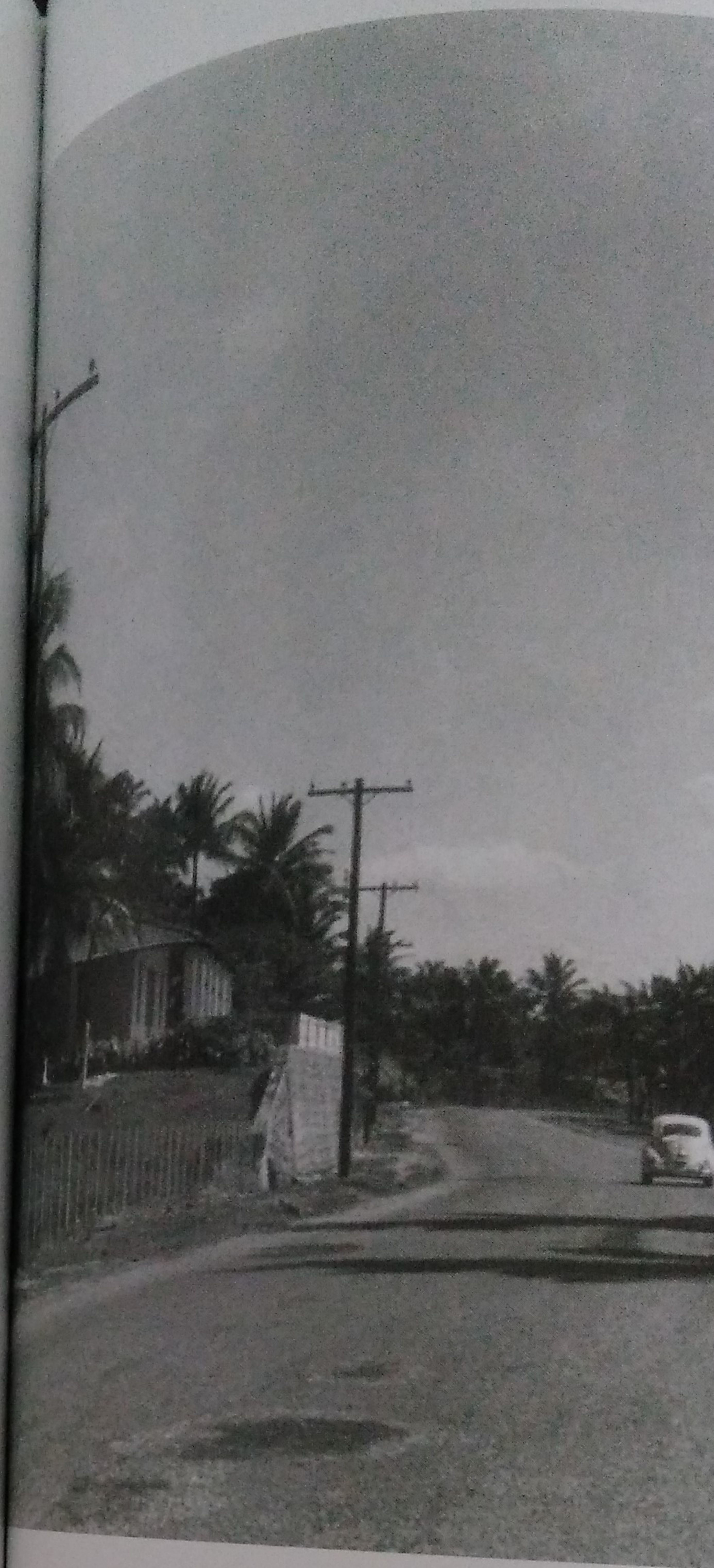
Enseada da Pajuçara,
Maceió, 1968

uçara,

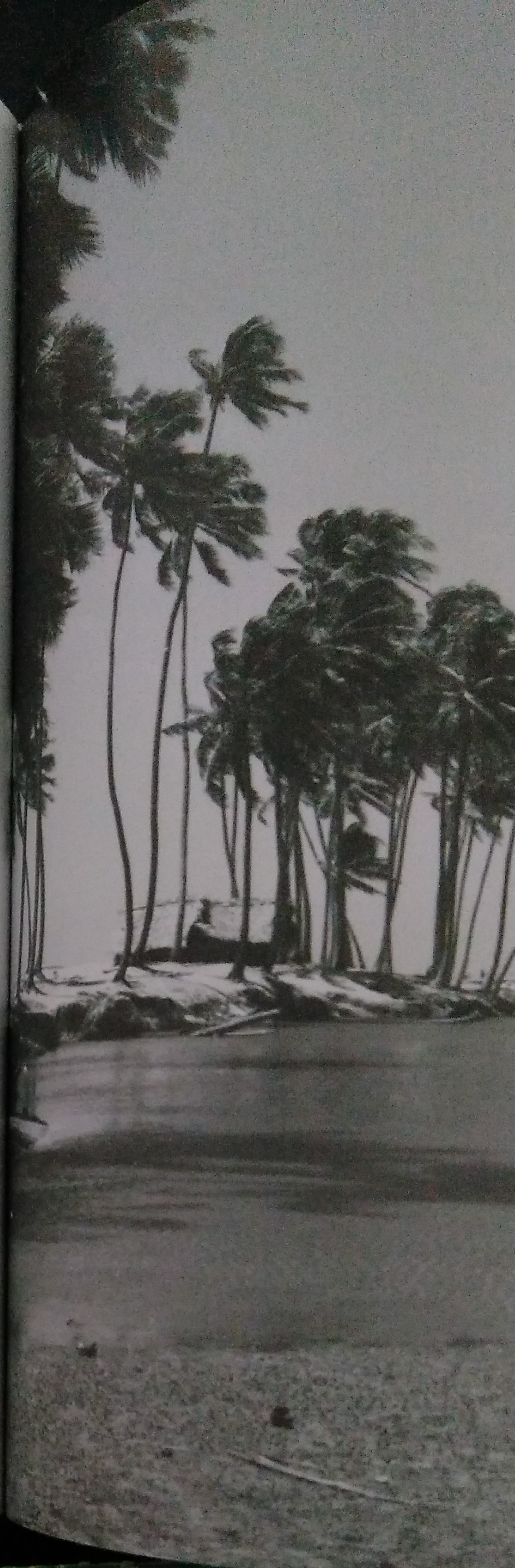
, 1968

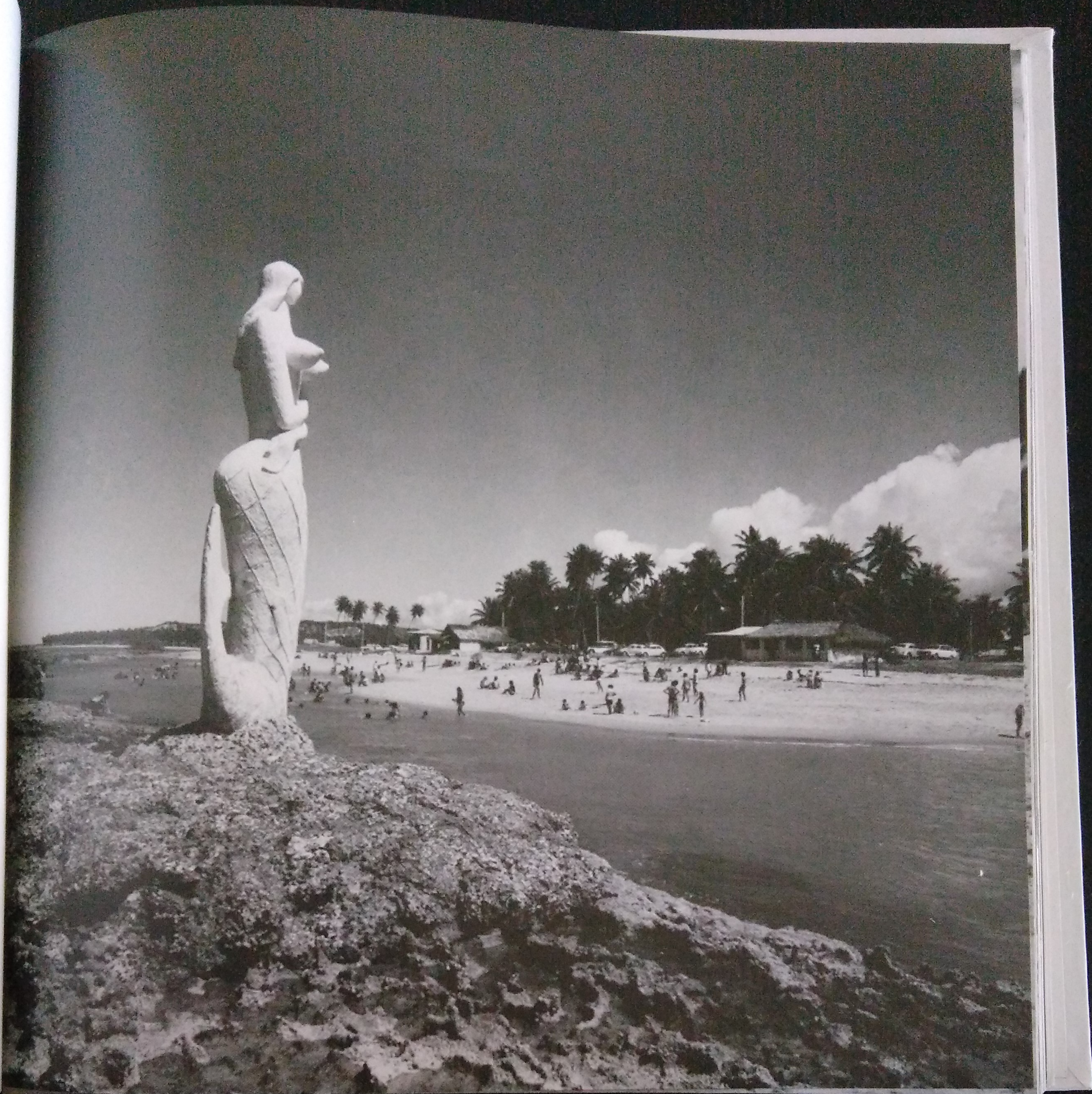
Ponta Verde, a partir da enseada
da Pajuçara, Maceió, 1968

r da enseada

Maceió 1968

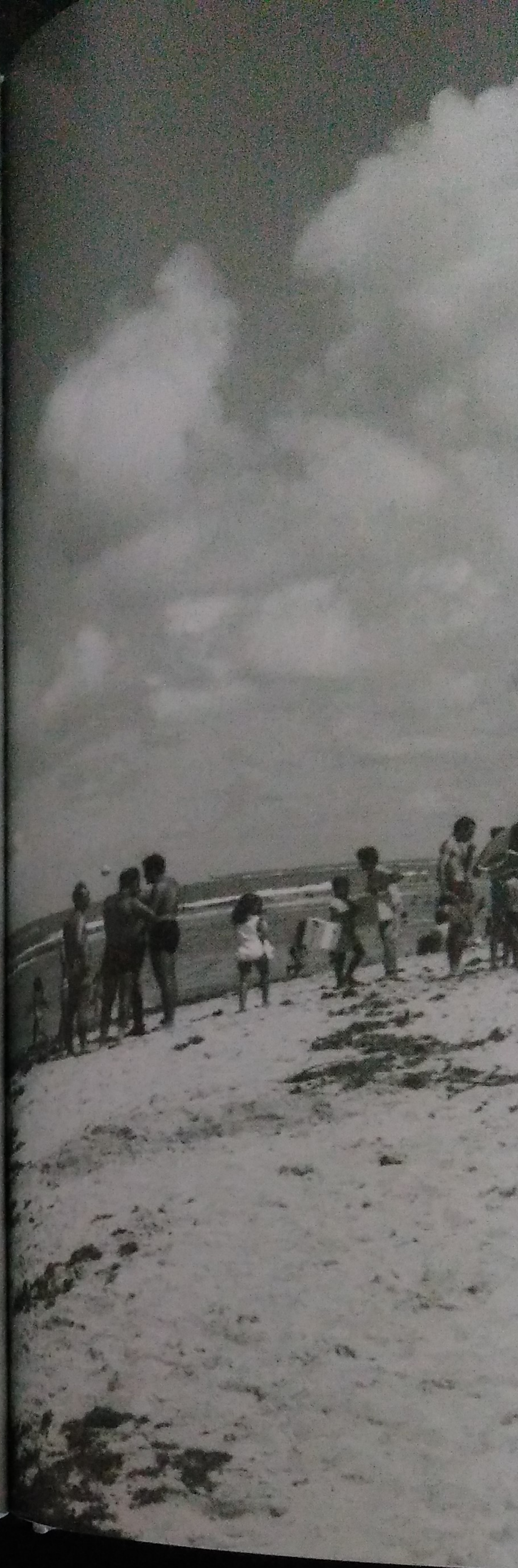
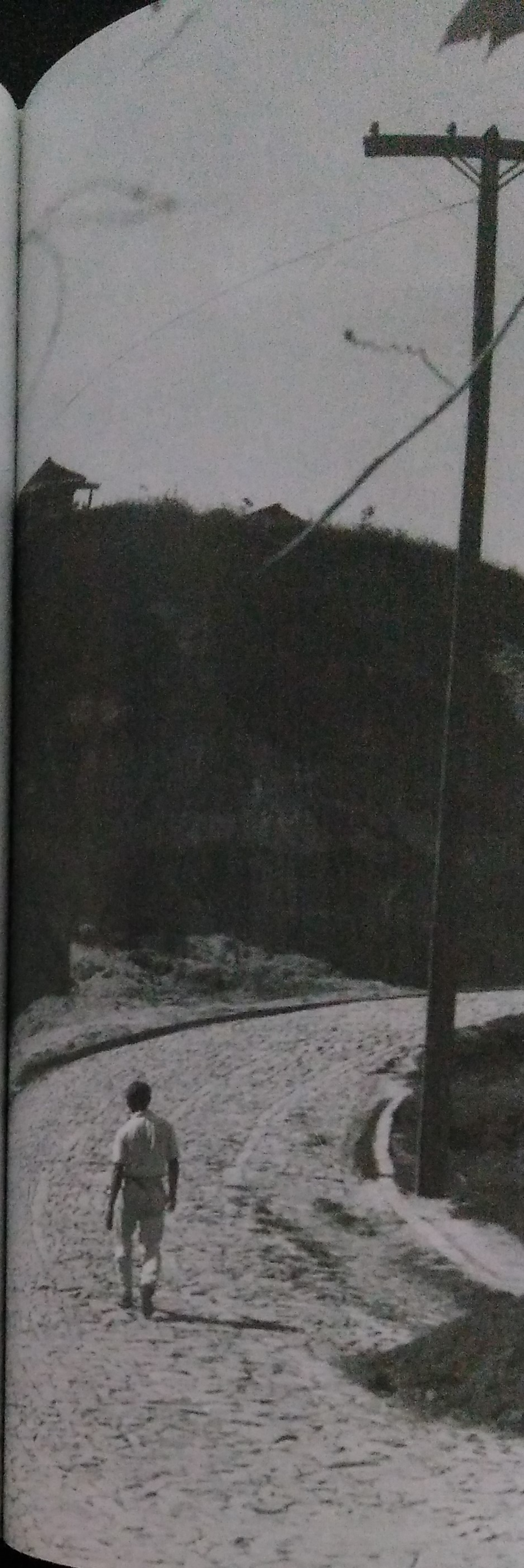
Praia da Ponta Verde,
Maceió, ca. 1960

Ponta Verde,
ceió, ca. 1960

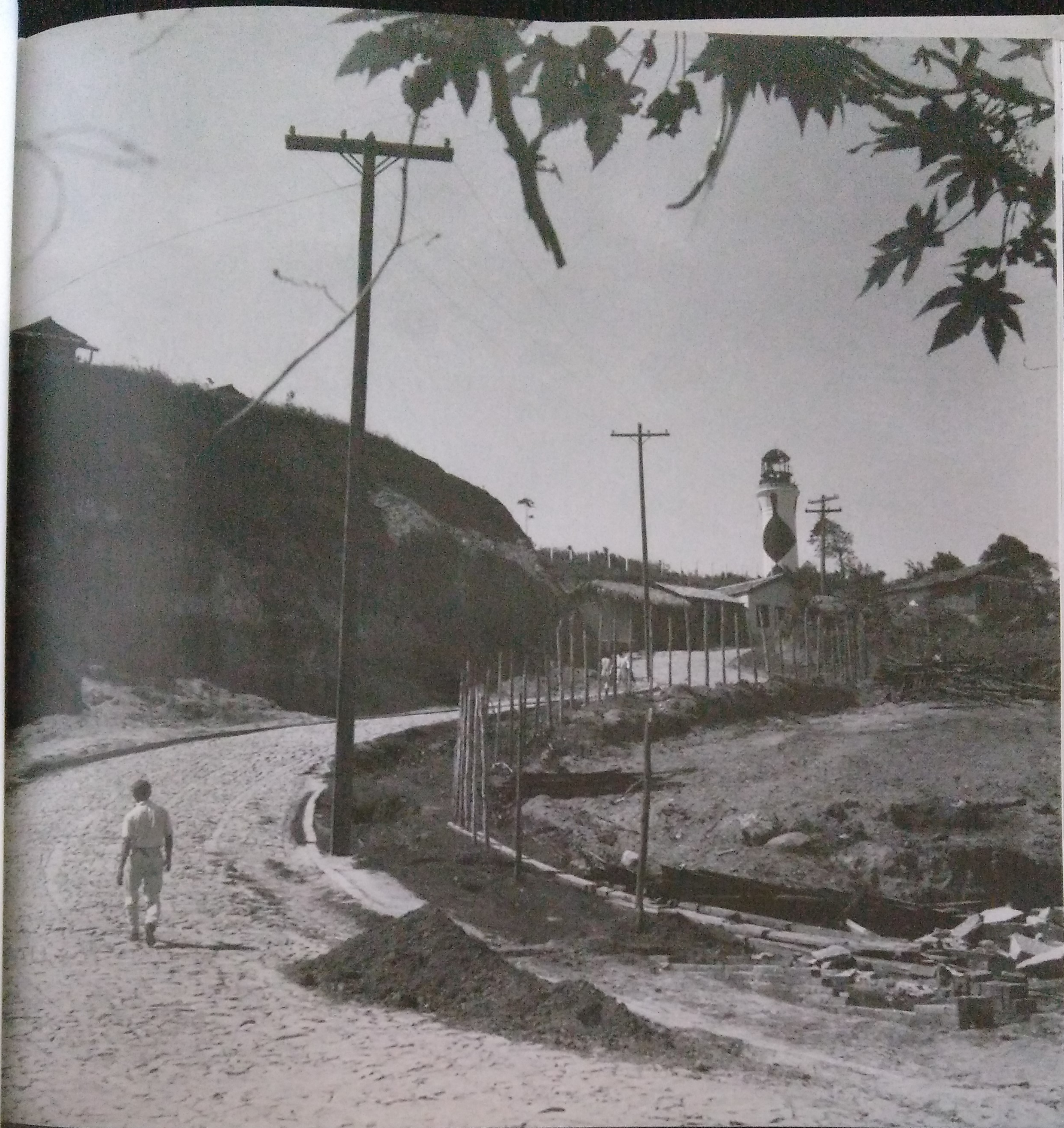
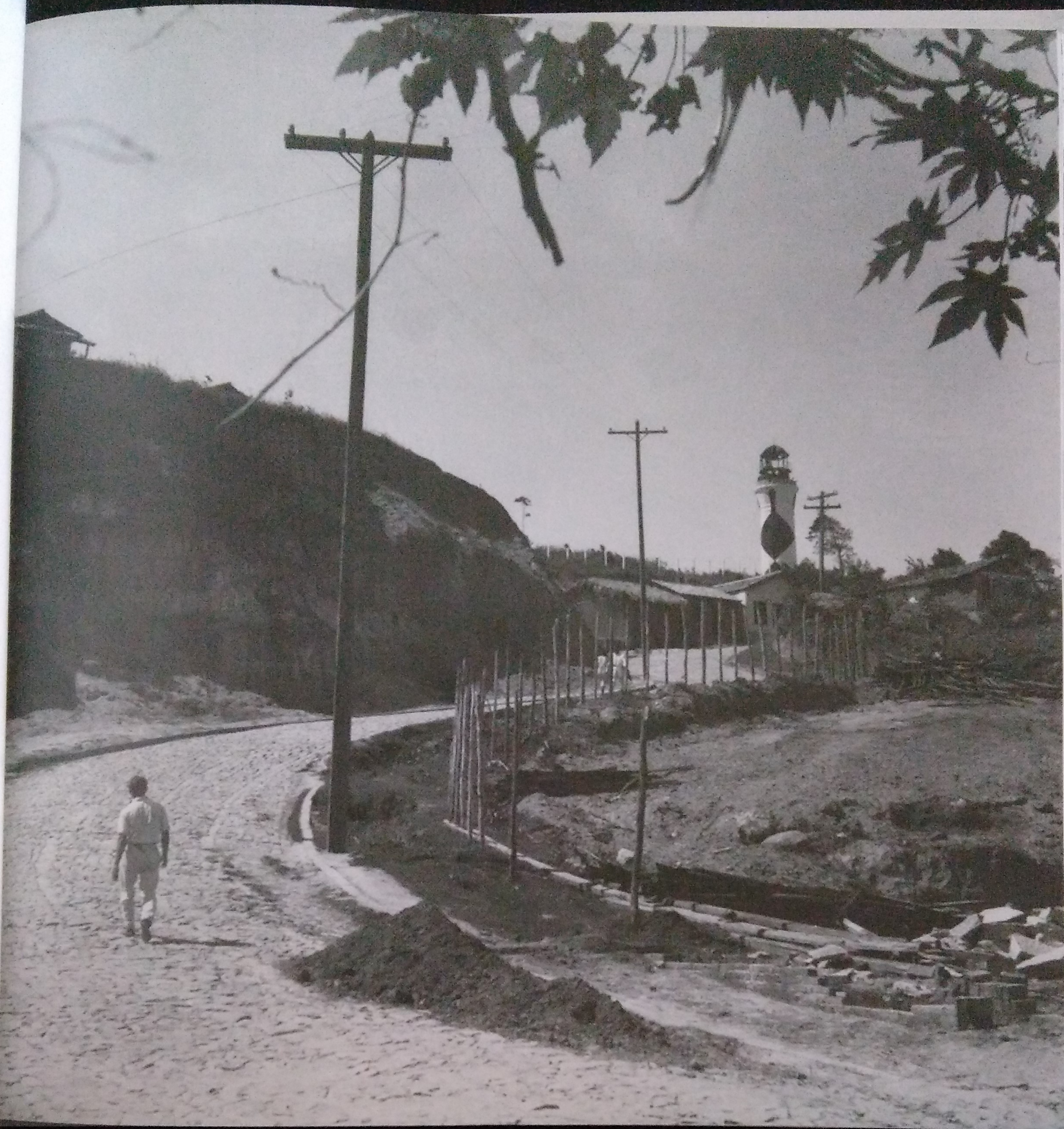
Jacarecica,
Maceió, ca. 1960

Jacarecica
eió, ca. 1960

Riacho Doce,
Maceió, ca. 1950-1960

Riacho Doce

Maceió, ca. 1950-1960

Praia da Sereia ou Praia do Pratagy,
Riacho Doce, Maceió, ca. 1960

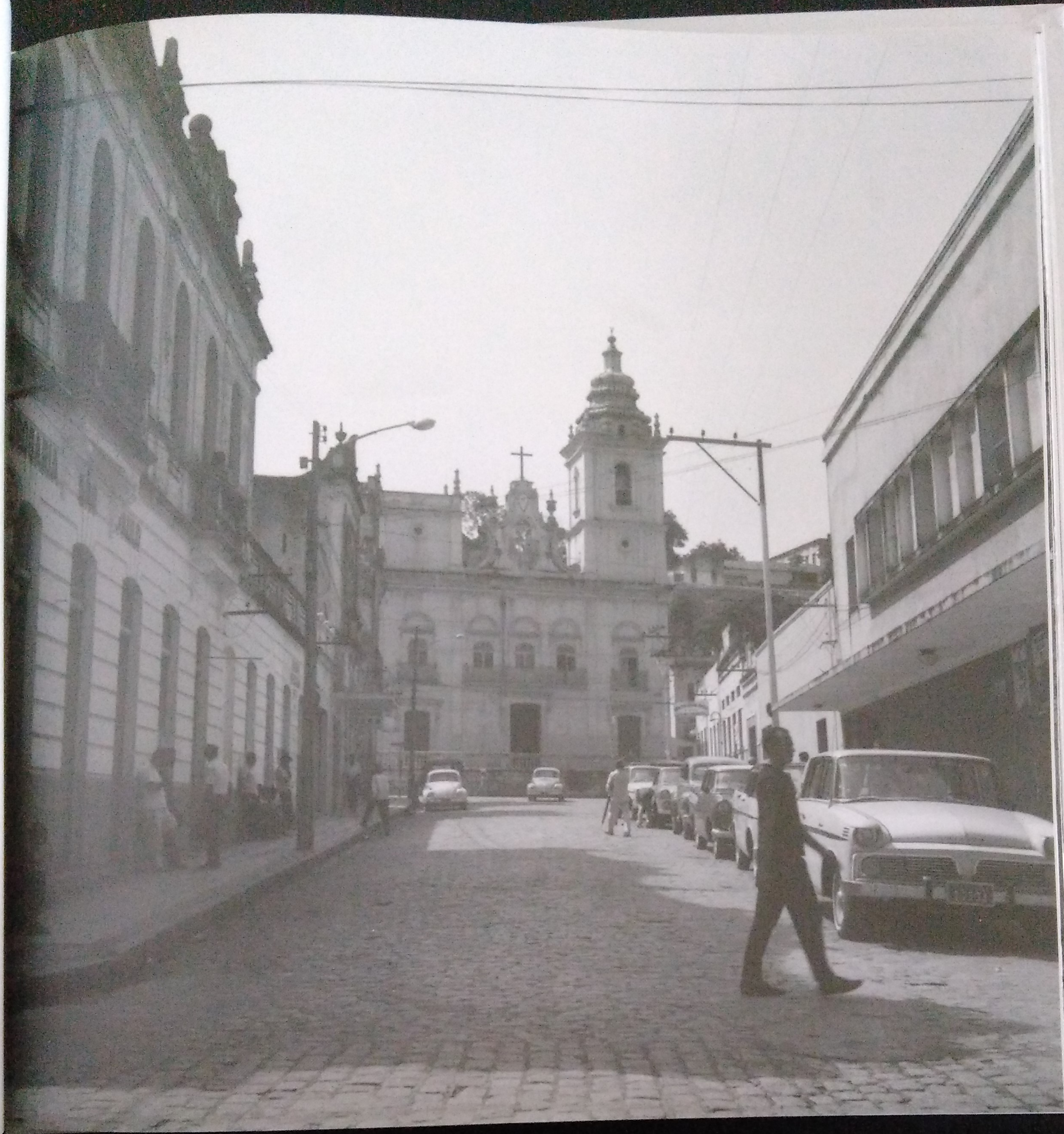
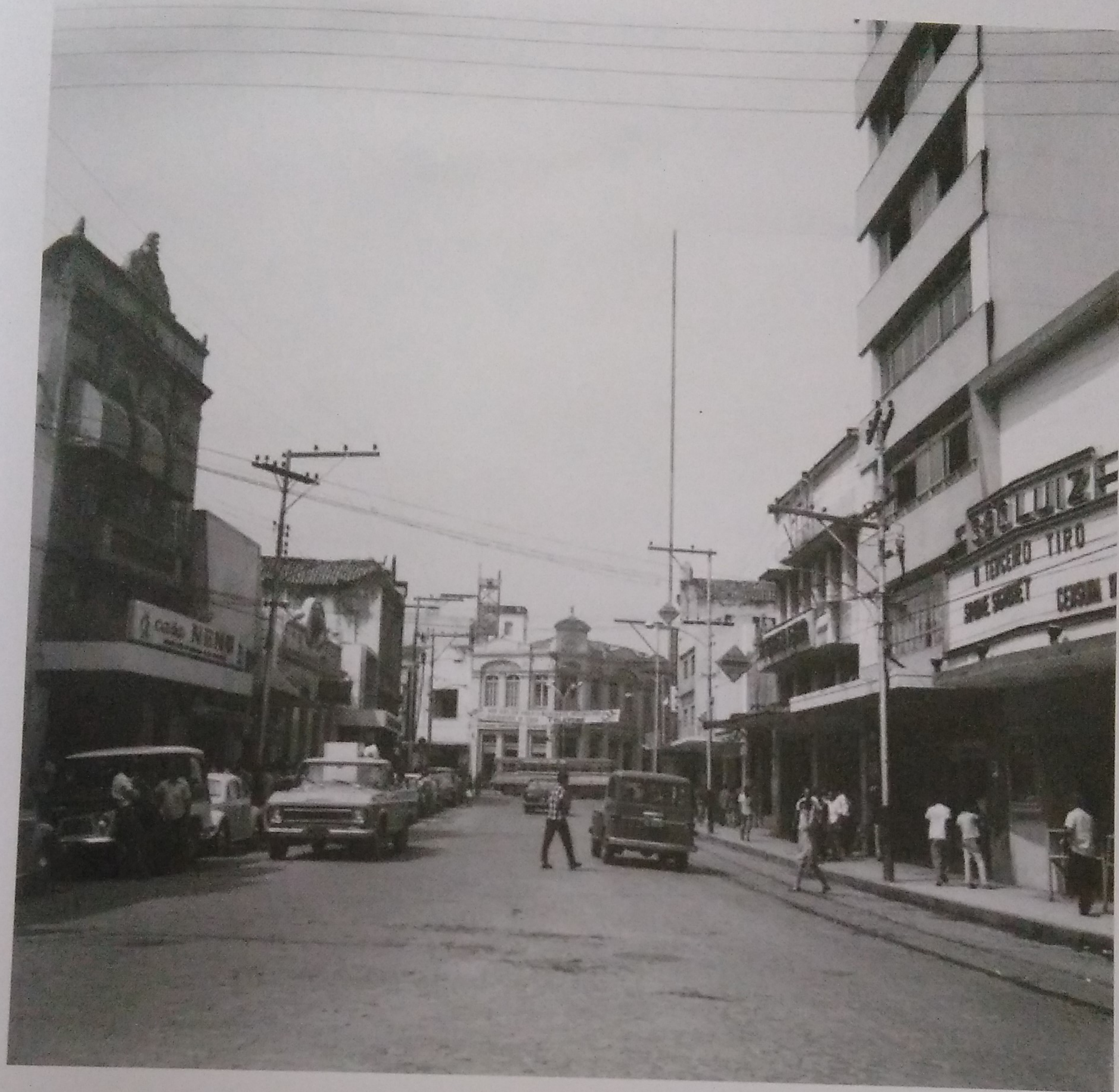
Praia da Sereia ou Praia do Pratagy,
Riacho Doce, Maceió, ca. 1960

a Praia do Pratagy
e, Maceió ca. 196

Farol do Jacintinho,
Maceió, ca. 1950

do Jacintinho,
aceió, ca. 1950

Farol do Jacintin

Maceió ca 195

Vistas de Maceió, 1968

Avenida Moreira Lima, ao fundo, Igreja de
N. Sra. do Rosário dos Pretos, Maceió, ca. 1960

ndo, Igreja de
ceió, ca. 1960

Rua do Comércio, cruzamento com a Av. Moreira Lima, Maceió, ca. 1960

Rua do Comércio, Maceió, ca. 1960

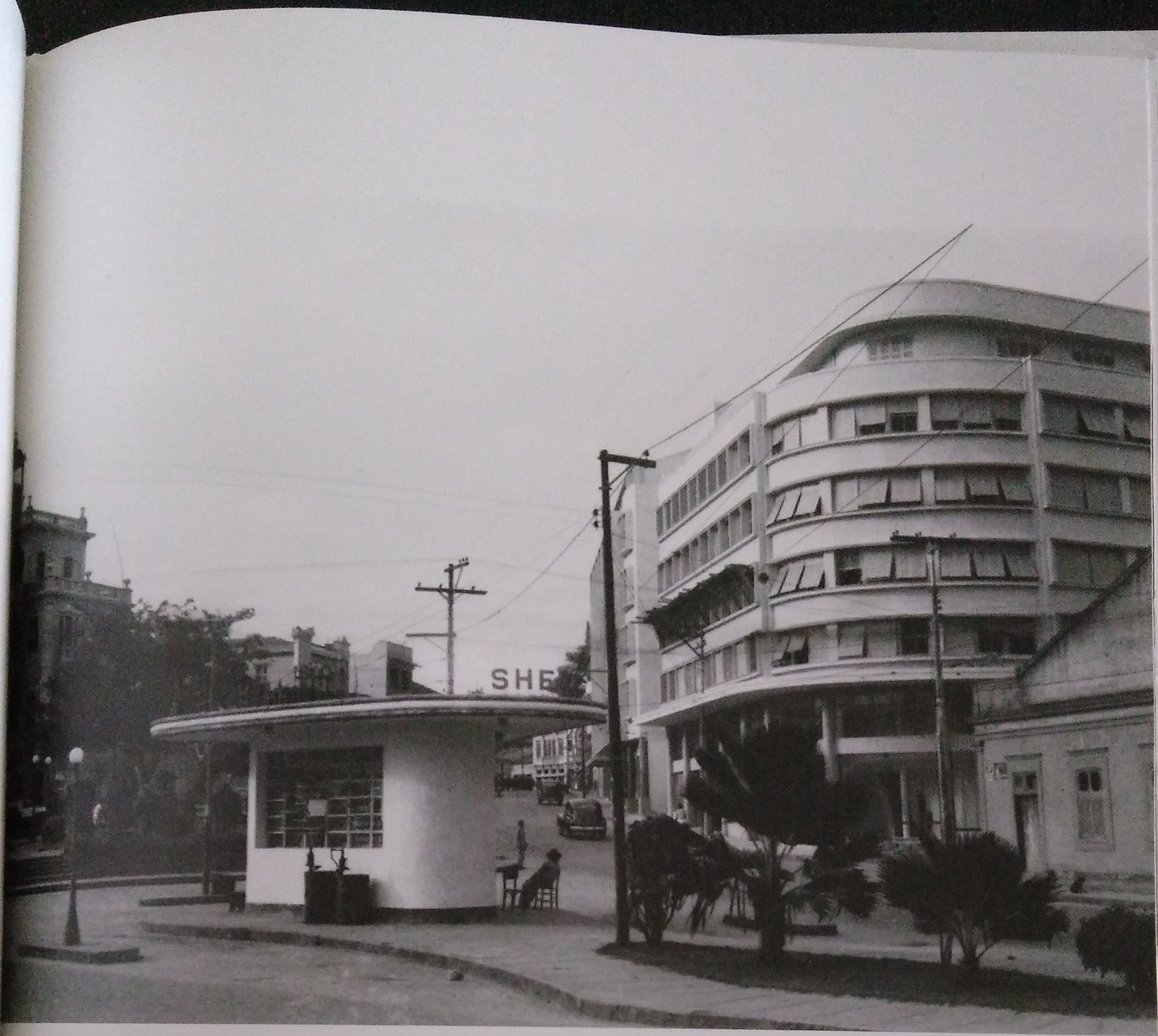
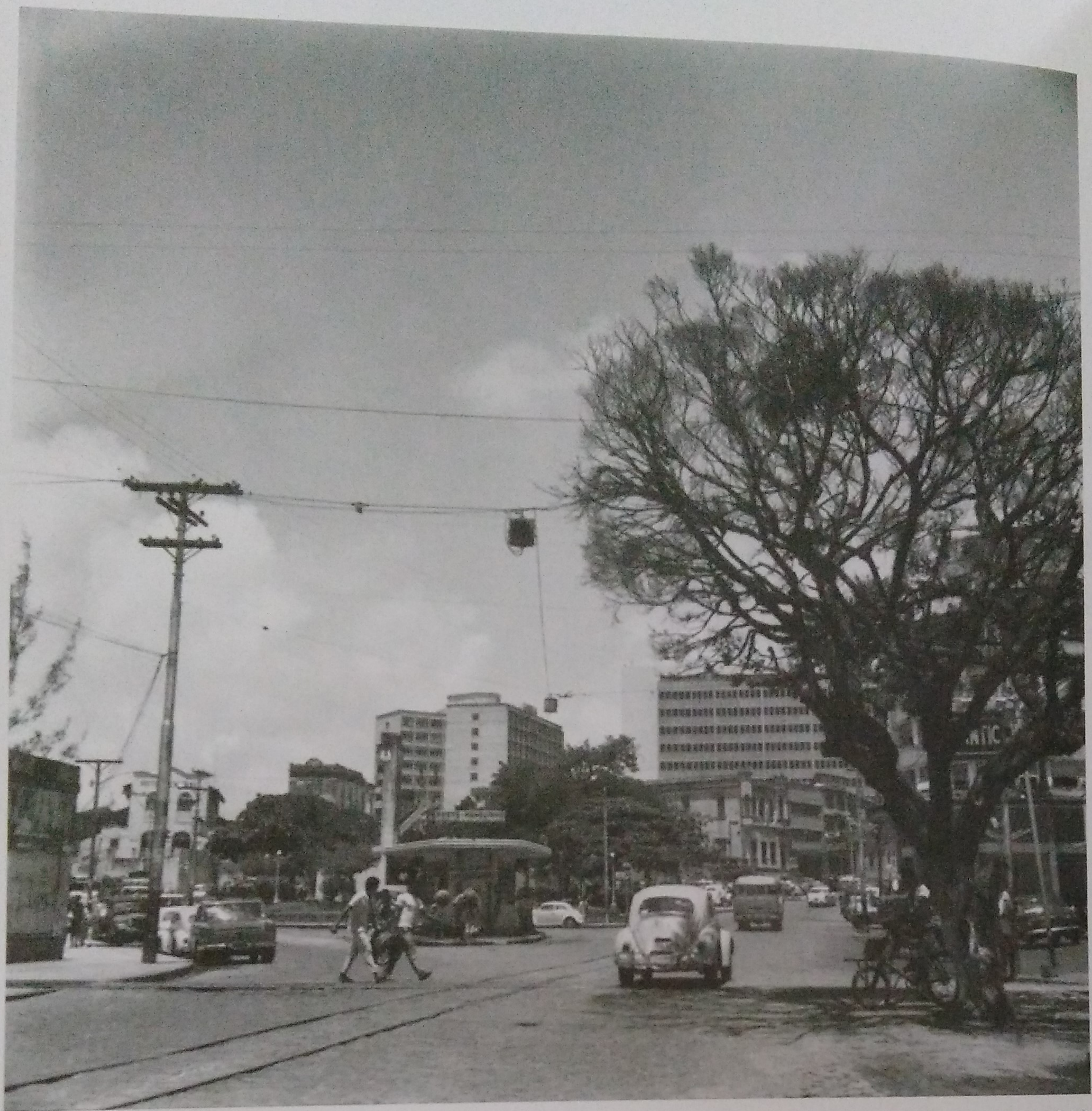
Ruas do Livramento e do Comércio,
Maceió, ca. 1960

vramento e do Comér

Maceió ca 196

Escultura do deus Mercúrio, confluência das
Ruas do Livramento e do Comércio, Maceió, ca. 1960

fluência das
eió, ca. 1960

Praça dos Palmares, à esquerda, Hotel Bela Vista,
à direita, Ed. Ary Pitombo, Maceió, ca. 1950-1960

Bela Vista
1950-1960

Praça dos Palmares, após demolição do Hotel Bela Vista, Maceió, ca. 1960

Praça dos Palmares, início da construção do Ed. Palmares, Maceió, 1971

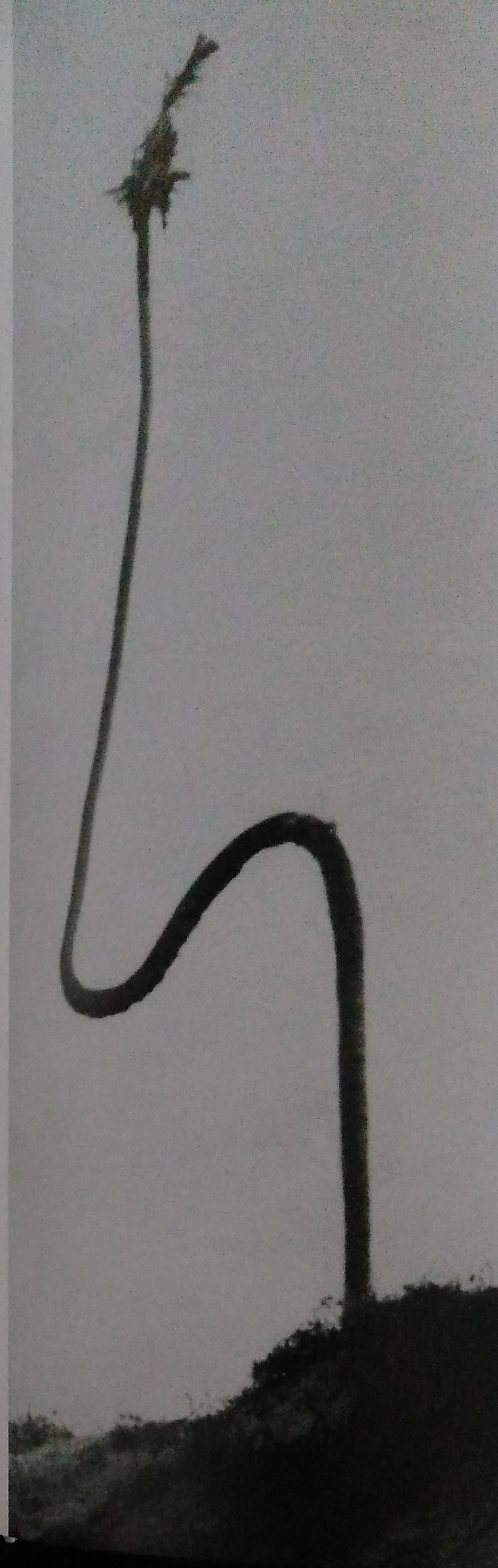
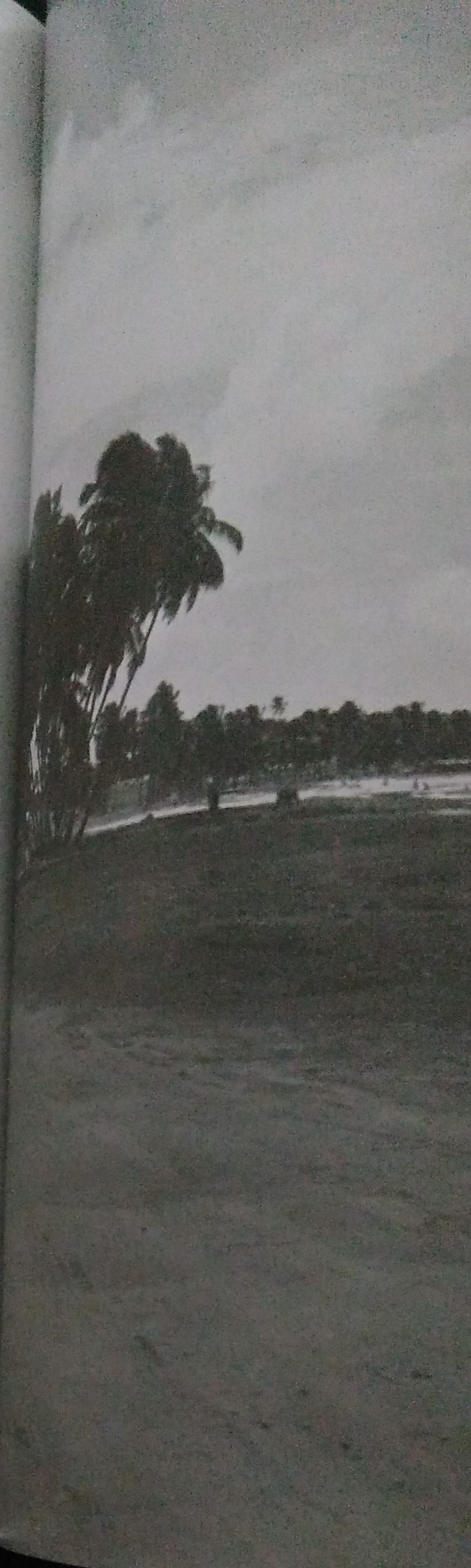
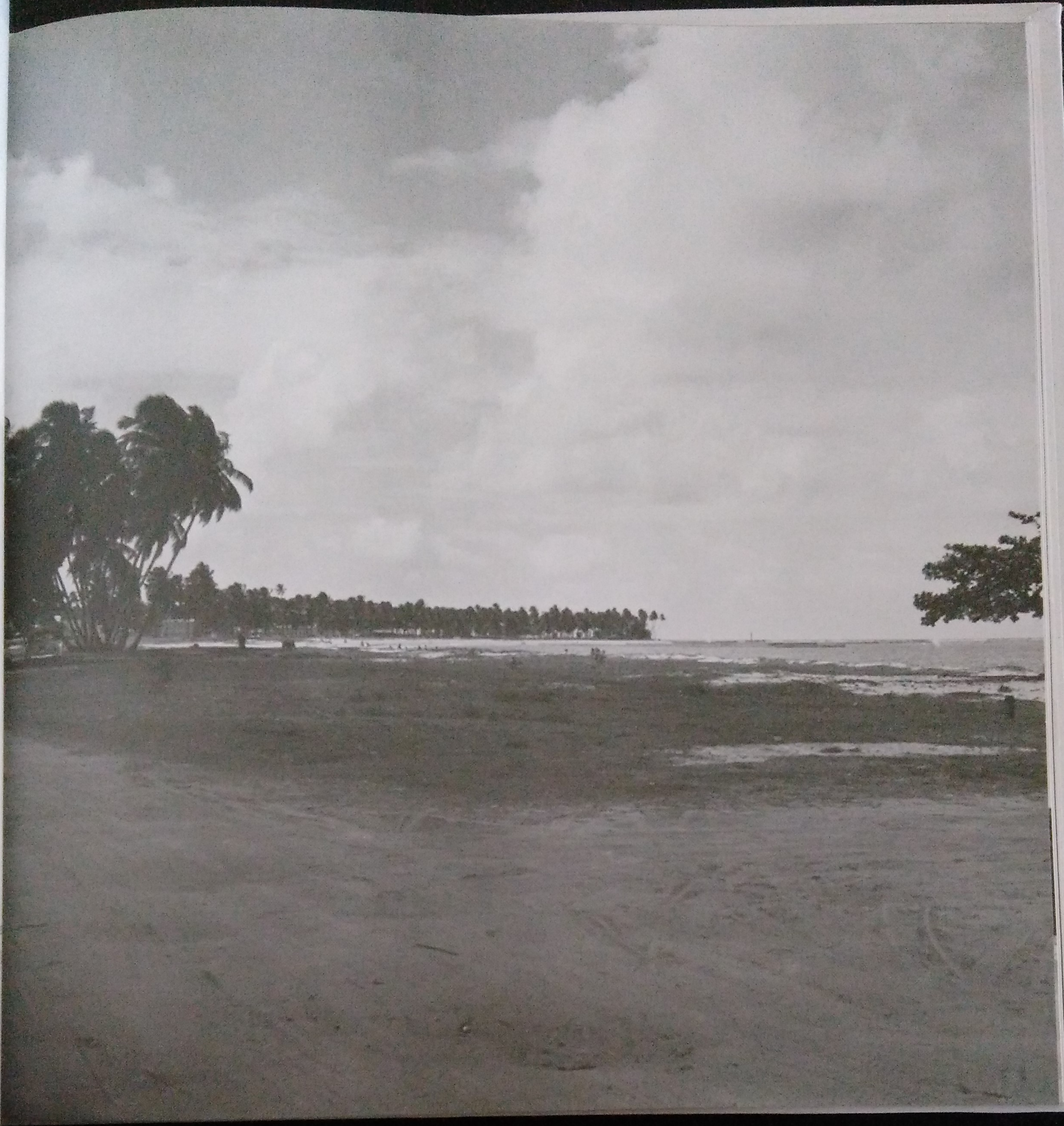
Praça Dom Pedro II, à esquerda, Palacete do Barão
de Jaraguá, à direita, Parque Hotel, Centro, Maceió, 1967

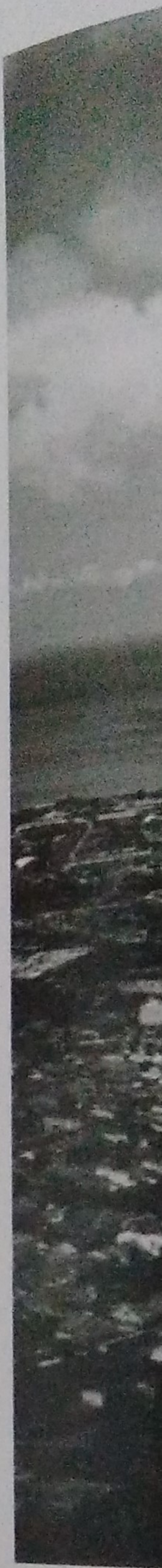
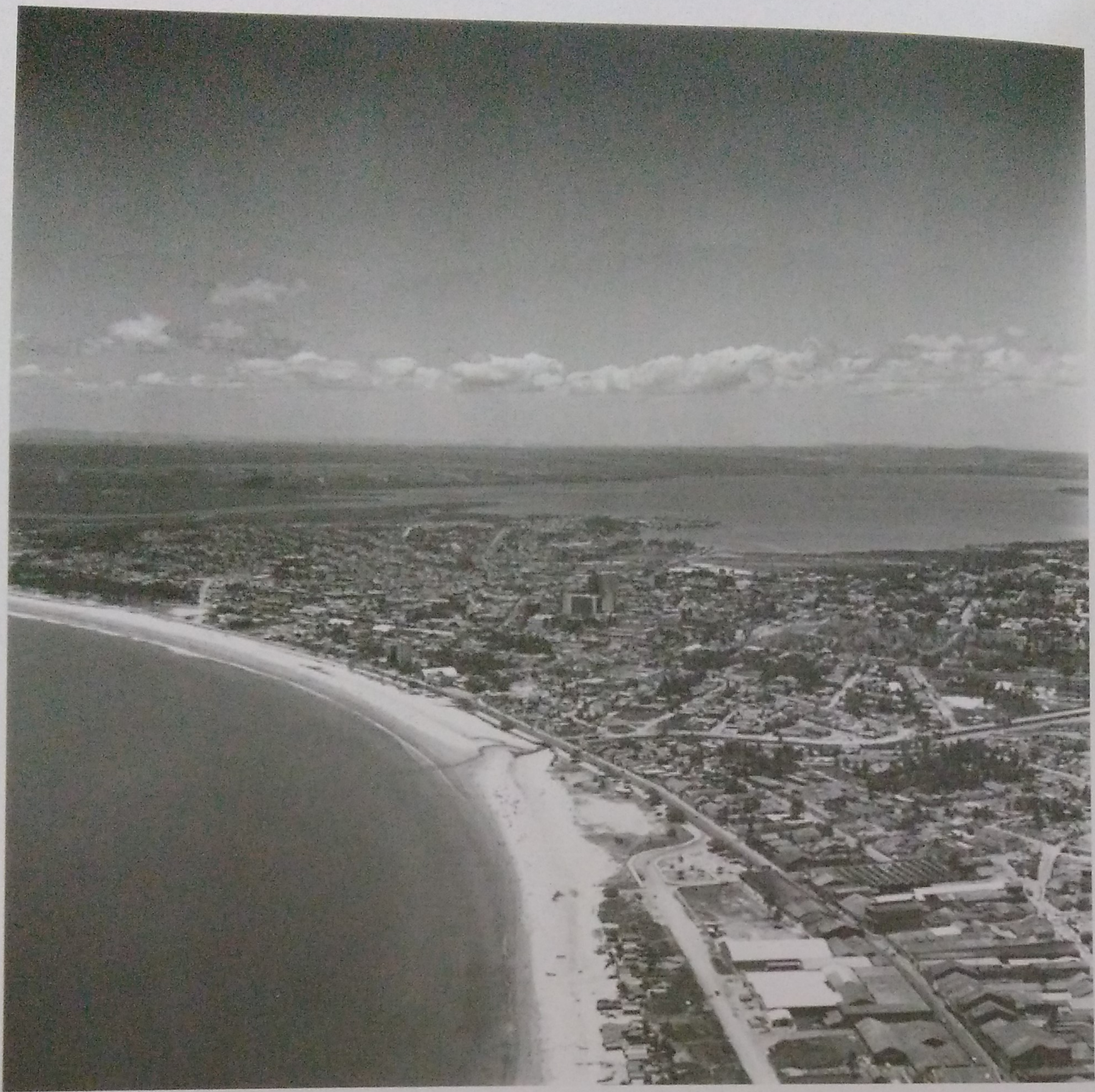
pete do Barão

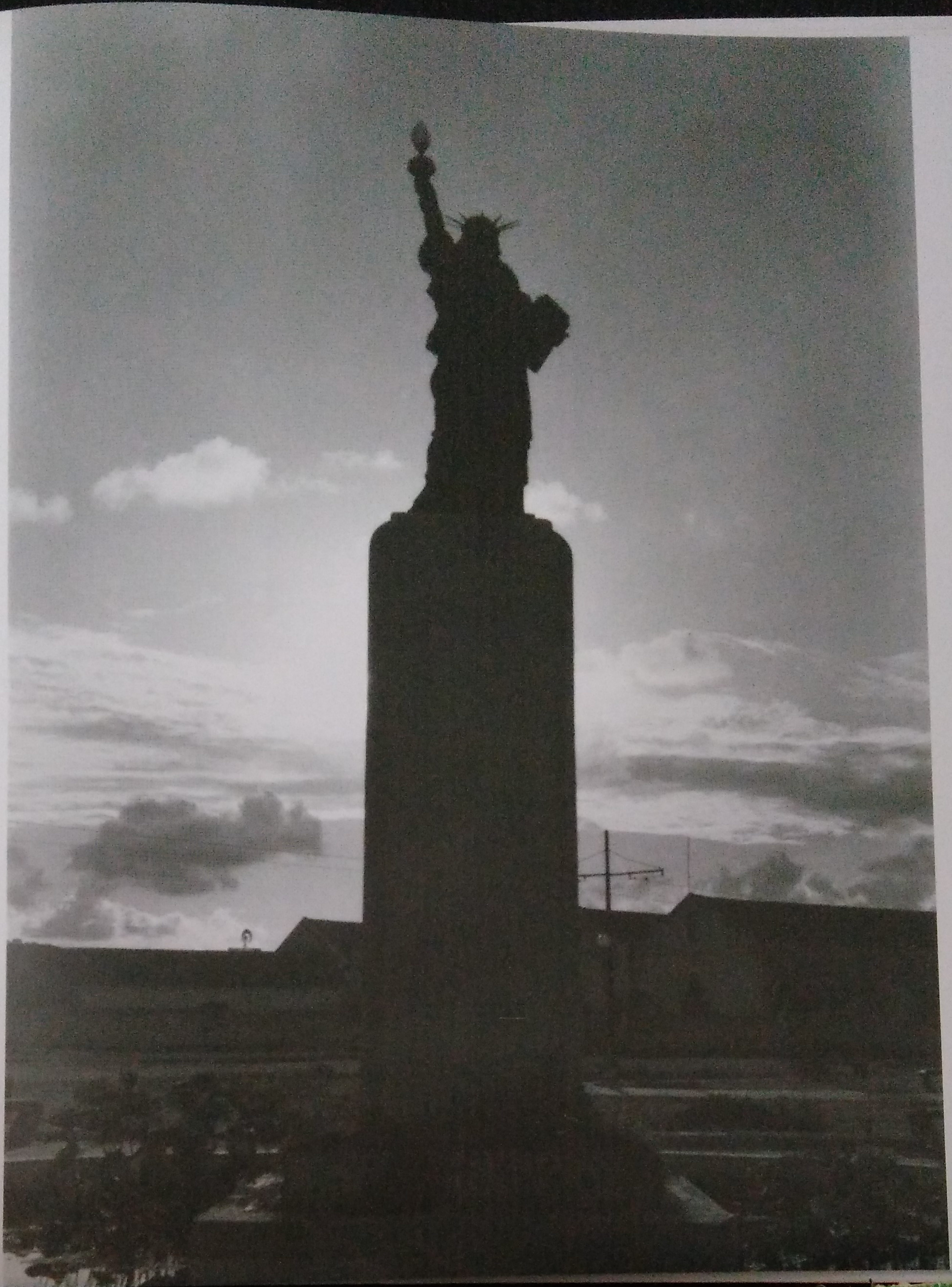
Maceió, 1967

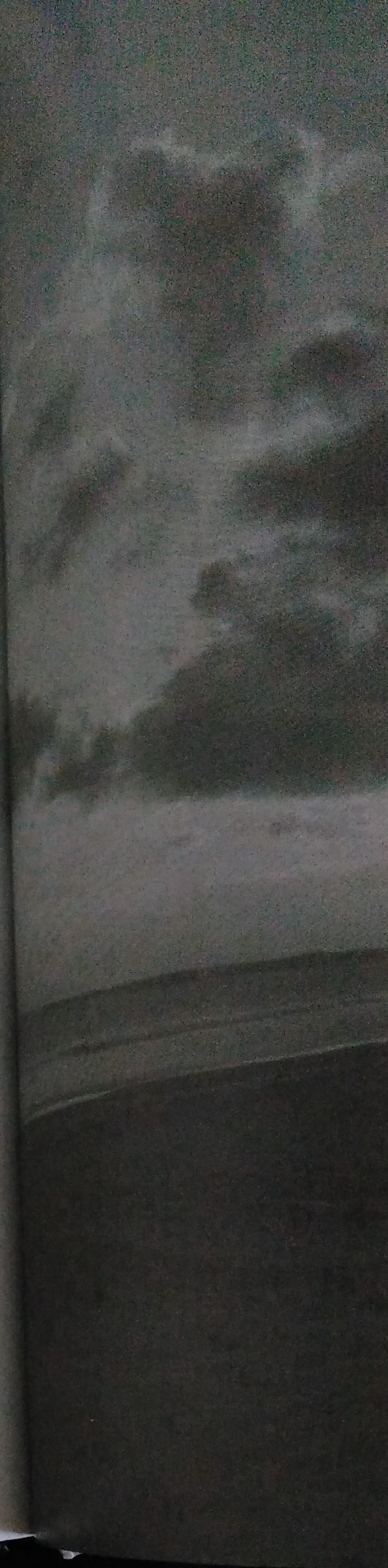
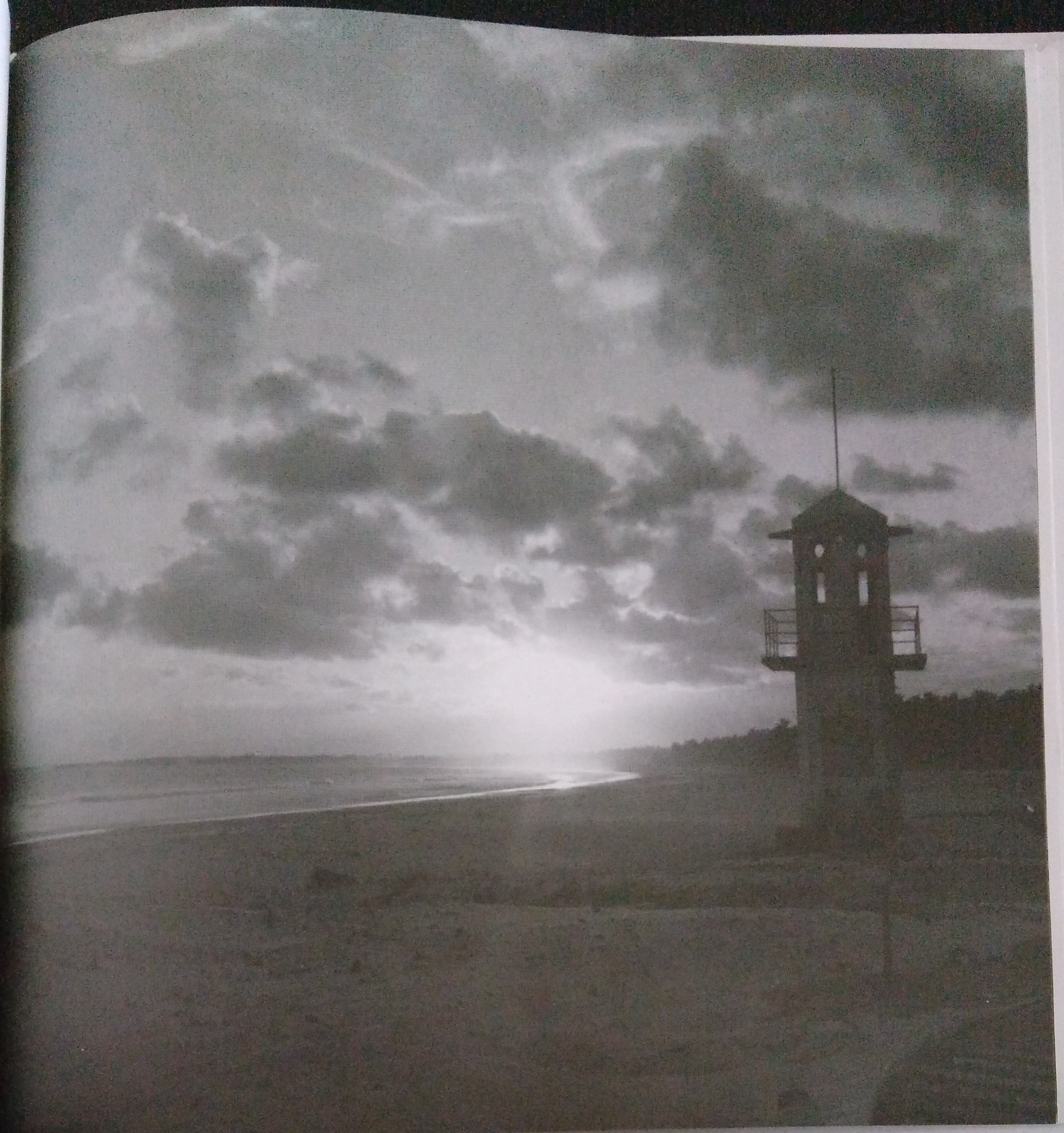
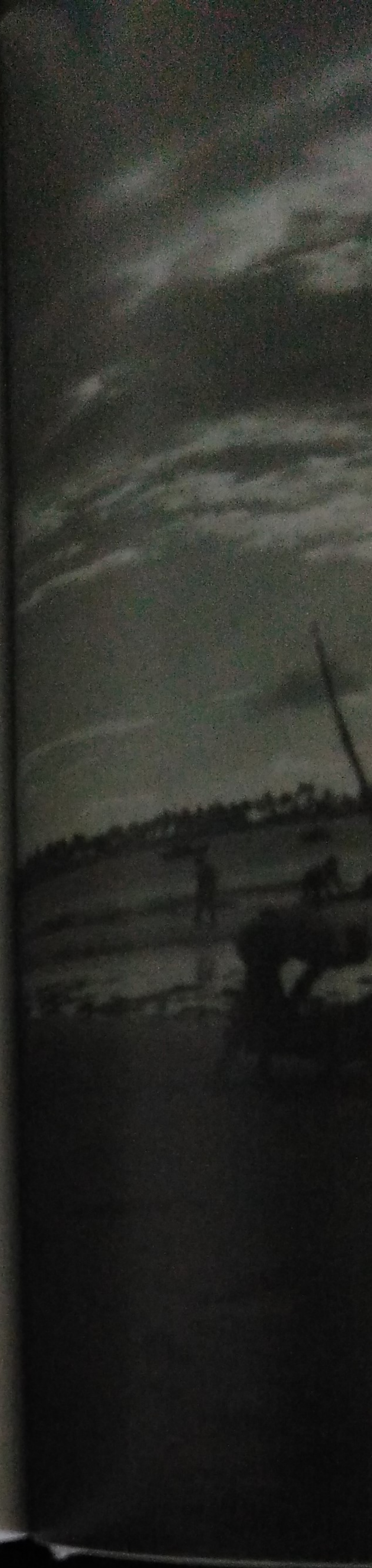
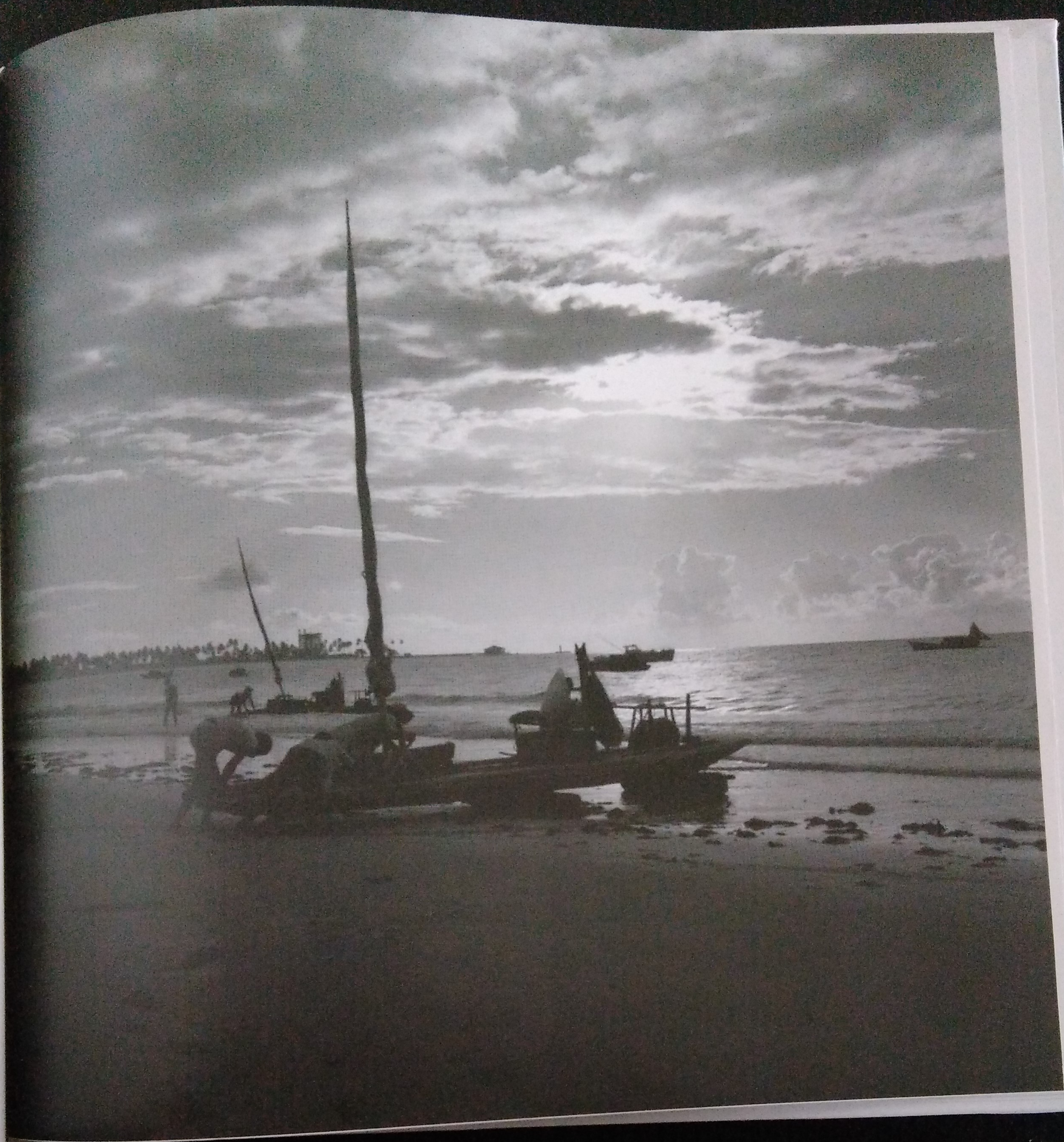
Praça dos Martírios ou Marechal Floriano Peixoto, à esquerda, a fonte sonoro-luminosa, à direita, a estátua do Marechal Floriano Peixoto, Maceió, ca. 1960

Gogó da Ema,
Maceió, ca. 1950

Miss Alagoas Bertini Mota e o
Gogó da Ema, Maceió, 1955

Enseda da Pajuçara, à esquerda
os Sete Coqueiros, Maceió, ca. 1960

Enseada da
os Sete Coqueiros

Sete Coqueiros,
Maceió, ca. 1960

Vistas aéreas de Maceió, ca. 1960

Estátua da Liberdade, Praça
Manoel Duarte, Maceió, ca. 1950

Posto salva-vidas, Praia do Sobral,
Maceió, 1968

s, Praia do Sobral
Maceió 198

Praia da Pajuçara, Maceió, ca. 1970

ia Pajuçara, Maceió, ca.1970

GOVERNO DO ESTADO
DE ALAGOAS

Governador
José Renan Vasconcelos Calheiros Filho
Vice-governador
José Luciano Barbosa da Silva
Secretário de Estado do Planejamento,
Gestão e Patrimônio
Carlos Christian Reis Teixeira

IMPRENSA OFICIAL
GRACILIANO RAMOS

Diretor presidente
Marcos José Dantas Kummer
Diretor Comercial e Industrial
José Otilio Damas dos Santos
Diretor Administrativo Financeiro
José Queiroz de Oliveira
Coordenadora Editorial
Janayna Ávila
Editor de Arte
Thiago Oliveira

**Secretaria de Estado
do Planejamento,
Gestão e Patrimônio**

GOVERNO DO ESTADO
ALAGOAS
TRABALHANDO SÉRIO A GENTE CHEGA LÁ

JAPSON ALMEIDA
Fragmentos de um olhar

Organização
Japson Macêdo de Almeida Filho
Maria do P. Socorro Almeida de Morais
Luísa Estanislau Soares de Almeida
Luiz Carlos Barbosa de Almeida
Projeto gráfico
Thiago Oliveira
Digitalização
Luísa Estanislau Soares de Almeida
Tratamento de imagens
Michel Rios
Revisão de texto
Maria Heloisa Melo de Moraes
Noemia Maria Coelho Pinheiro

Foto de capa
Pedra Virada, mar de Ponta Verde,
Maceió, ca. 1960.

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Departamento de Tratamento Técnico da
Imprensa Oficial Graciliano Ramos
Bibliotecária Responsável: Maria Katiuscia Gonçalves Rolins

J36 Japson Almeida: fragmentos de um olhar. / Organizado por
Japson Macêdo de Almeida Filho [et. al.] – Maceió:
Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2015.
96p. ; il.

ISBN 978-85-62030-73-4

1. Fotografia. 2. Maceió. I Japson Almeida.

CDU: 77

Av. Fernandes Lima, s/nº, km 7, Gruta de Lourdes – Maceió – AL
Tel.: (82) 3315.8300 | Fax: (82) 3315-8342
www.imprensaoficial.al

" Este livro é um passo a mais na historiografia da imagem em Alagoas e na abordagem sócio-histórica da fotografia. É bom que Japson Almeida continue seu trabalho, como se inaugurasse uma coleção a resguardar a criação de inúmeros alagoanos que gravaram, através de escritas deslumbrantes, o cotidiano de nossa terra. Não é fácil lidar com um mundo posto em escala de cinzas. "

Luiz Sávio de Almeida

A Maceió dos anos 1950 a 1970 ressurge nesta reunião de imagens produzidas pelo fotógrafo, cujo olhar atento cuidou de registrar as transformações urbanas que, a seu tempo, são quase invisíveis, mas impactantes anos depois. Em 48 fotografias, Japson traça um panorama de parte da história da capital alagoana – da praia ao Centro da cidade, dos tipos populares à paisagem horizontal vista do mirante e hoje inexistente.

PROGRAMA
DE INCENTIVO
À CULTURA
LITERÁRIA

ISBN 978-85-62030-73-4
9788562030734